

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

ANA MARIA KICH

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS JUDOCAS GAÚCHAS
POR MEIO DE SUAS EXPERIÊNCIAS NOS JOGOS OLÍMPICOS**

PORTO ALEGRE
2022

ANA MARIA KICH

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS JUDOCAS GAÚCHAS
POR MEIO DE SUAS EXPERIÊNCIAS NOS JOGOS OLÍMPICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE
2022

Ana Maria Kich

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS JUDOCAS GAÚCHAS
POR MEIO DE SUAS EXPERIÊNCIAS NOS JOGOS OLÍMPICOS**

Conceito final:

Aprovado em 18 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha – UFRGS

Prof. Dr. Luis Henrique Rolim – PUCRS

Prof. Dr. Luiz Alcides Ramires Maduro - UNIVASF

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

KICH, ANA MARIA
REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS JUDOCAS
GAÚCHAS POR MEIO DE SUAS EXPERIÊNCIAS NOS JOGOS
OLÍMPICOS / ANA MARIA KICH. -- 2022.
87 f.
Orientadora: JANICE ZARPELLON MAZO.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Judô. 2. Mulheres. 3. Jogos Olímpicos. 4.
Historia do Esporte. 5. Memória do Esporte. I. MAZO,
JANICE ZARPELLON, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em minha trajetória não estive só, e assim, com carinho e honradez, reconheço a importância dessas pessoas que contribuíram nas etapas vividas até o presente momento através desses agradecimentos.

Meu profundo agradecimento à minha família, que tem como base o amor incondicional de meus pais e minha irmã, e foi engrandecida por pessoas ímpares que se achegaram há pouco e ao longo da caminhada que me aceitaram, foram e são uma fonte de apoio durante a jornada.

Agradeço em especial à minha companheira, por toda a ajuda oferecida quando eu nem imaginava precisar, de forma inesgotável. em mim e nos meus sonhos, tornando-se um farol que ilumina e orienta.

Agradeço por compartilharem comigo este caminho, me ouvindo enquanto filosofava sobre o tema, ou travava nas pequenas dificuldades, por incentivar nas apresentações, entre outras tantas participações nessa caminhada

À minha orientadora, Professora Doutora Janice Mazo, por ter me oportunizado conhecer mais sobre a Memória do Esporte, por ter me incentivado a desbravar caminhos dentro da História e do Esporte e ter me acompanhado, orientado e amparado em todas as etapas desse processo, sendo uma professora exemplo para mim.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), que me acolheu no segundo semestre de 2019, primeiramente, como intrusa, e logo, como parte integrante. Levo com carinho cada aprendizado que obtive e cada momento de amizade com meus colegas. Foram tempos de muito conhecimento e troca com os integrantes pesquisadores que me fizeram evoluir como pessoa, pesquisadora e professora.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela alegria de ser aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), com um ensino gratuito de alto nível.

Agradeço às pessoas que participaram da pesquisa, por colaborarem com meus estudos, fornecendo seus depoimentos e suas memórias sobre o judô gaúcho e Olímpico. Obrigada, Maria, Mariana, Sensei Kiko, Sensei Sérgio.

Um reconhecimento especial ao Sensei Alexandre, que contribuiu com essa dissertação, antes mesmo dela existir, seus conselhos foram fundamentais. Por fim, aos meus alunos, que me motivam a buscar sempre mais.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado trata sobre atletas gaúchas de judô, que participaram das edições dos Jogos Olímpicos, realizadas no período de 2000 à 2016. Para amparar esta pesquisa, realizamos revisão bibliográfica, a fim de compor o estado da arte, o referencial teórico-metodológico sobre a História Cultural e História Oral, onde o objetivo central da pesquisa se apresenta como: compreender as representações culturais construídas pelas judocas gaúchas na sua trajetória esportiva, desde a iniciação até a participação nos Jogos Olímpicos, nas edições de 2000 até 2016. Concluimos que a trajetória esportiva das judocas gaúchas, tendo início em tempos e espaços distintos, chegam a um ponto de convergência: a “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” (SOGIPA). Este clube centenário se constituiu no século XXI como uma referência de prática do judô de alto rendimento, não apenas para os homens, mas para as mulheres. Ao preservar a memória oral das judocas gaúchas, ponderamos que contribuimos com indícios, não apenas para a História e Memória do Esporte no Rio Grande do Sul, mas para futuros estudos direcionados ao entendimento da condição contextual das mulheres no esporte.

Palavras-chave: Judô; Mulheres; Jogos Olímpicos; História do Esporte; Memória do Esporte.

ABSTRACT

This master's thesis deals with judo athletes from Rio Grande do Sul, who participated in the editions of the Olympic Games, held from 2000 to 2016. To support this research, we carried out a bibliographical review, in order to compose the state of the art, the theoretical- methodology on Cultural History and Oral History, where the central objective of the research is presented as: to understand the cultural representations constructed by the judokas from Rio Grande do Sul in their sporting trajectory, from their initiation to their participation in the Olympic Games, in the editions from 2000 to 2016. that the sporting trajectory of judokas from Rio Grande do Sul, starting in different times and spaces, reached a point of convergence: the “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” (SOGIPA). This centennial club was established in the 21st century as a reference for the practice of high-performance judo, not just for men, but for women. By preserving the oral memory of judokas from Rio Grande do Sul, we consider that we contribute with evidence, not only for the History and Memory of Sport in Rio Grande do Sul, but for future studies aimed at understanding the contextual condition of women in sport.

Keywords: judô; women; olympic games; sports memory; sports history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linha do tempo da presença de mulheres no judô.....	26
Figura 2 - Jigoro Kano ensinando judô para as mulheres.	28
Figura 3 – Léa Linhares Fonte: PIMENTEL, GOELLNER (2017)	32
Figura 4 – Iara, primeira gaúcha faixa preta registrada	33
Figura 5 - Stylo ganha no feminino.....	35
Figura 6 - Disputa entre Eliane Pintanel (RS) embaixo, Jemima Alves (PB) acima.	36
Figura 7 – Participação feminina em J. O.....	39
Figura 8 – Linha do tempo de judocas olímpicas de 1988 a 2000.....	42
Figura 9 – Linha do tempo de judocas olímpicas de 2004 a 2016.....	42
Figura 10 - Demonstração de judô na pista de atletismo da SOGIPA em 1967.....	47
Figura 11 – Mulher demonstrando judô na pista de atletismo da SOGIPA em 1967	48
Figura 12 - Competição de judô Infantil na SOGIPA em 1969.....	49
Figura 13 - Medalha do Campeonato Infantil em Porto Alegre em abril de 1969.....	50
Figura 14 – Judocas do Projeto Olímpico SOGIPA Pequim 2008	52
Figura 15 - Embarque para Londres 2012.....	56
Figura 16 - Renovação de contrato com a Oi.....	57
Figura 17 - Mariana Martins com a Tocha Olímpica e voluntário.....	58
Figura 18 - Mariana Martins em quadro Ídolos Sogipanos	61
Figura 19 - Maria Portela encontra Michael Phelps no parque olímpico.....	62
Figura 20 - Maria Portela e a medalha de bronze do Grand Slam de Tóquio 2015.	64
Figura 21 - Maria Portela vence atleta Assmaa Niang.....	65
Figura 22 - Maria Portela abraçada pela técnica Rosicleia Campos, Rio 2016.....	66
Figura 23 - A condução da Tocha Olímpica em Santa Maria, RS.....	68
Figura 24 - Registro das mãos na placa de participação em Jogos Olímpicos.....	68
Figura 25 - Seminário para jovens judocas, São Leopoldo, RS.....	70
Figura 26 - Seminário no estado do Paraná 2018.	71
Figura 27 - Maria Portela em seminário sobre Escolhas, Porto Alegre, RS.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação dos entrevistados	19
Quadro 2 – Duração das entrevistas.....	21
Quadro 3 – Etapas da Coleta.....	22

PREÂMBULO

O judô se fez presente na minha vida desde muito cedo. Iniciei na modalidade através de uma iniciativa de um professor da Escola Municipal de Educação Infantil Jesus Menino, o *Sensei*¹ Rágmor Borçato que foi meu primeiro professor, em 1993. Em 1994 me transferei para Associação de Judô Gaba, onde permaneci até 2019 sob olhar atento e carinho do *Sensei* Batista, o responsável pela minha formação profissional e moral, que permitiu assim, crescimento e integração a Nitz Academia de Judô, local onde exerço minha carreira de técnica.

O contato com meu *Sensei*, bem como a convivência com outros treinadores me influenciaram e me motivaram na definição do meu caminho profissional: professora de judô. Comecei muito jovem a ministrar aulas, adquirindo experiências práticas, procurei a fundamentação teórica na graduação em Educação Física, e tive o amparo do meu *Sensei*.

Uma conexão muito importante se deu no ano de 2004, quando recebi a graduação de faixa preta e acompanhei os Jogos Olímpicos. Como fã do esporte, sabia-se o nome dos atletas que compunham a delegação brasileira, e já tinha conhecimento da Mariana Martins, judoca dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000, havia um grande poster na entrada do *dojô*² da SOGIPA, com a foto da Mariana e o símbolo Olímpico. Nesta época, o Brasil ainda não tinha nenhuma medalha Olímpica feminina no esporte.

Acompanhando os Jogos Olímpicos em 2012, onde tive fortes emoções pois houve a conquista da medalha de ouro da Sarah Menezes, bem como a punição da Rafaela Silva³. A primeira participação da Maria Portela, a medalha de bronze da Mayra Aguiar.

Sendo assim, a motivação para o presente estudo emergiu de uma reflexão, o conhecimento sobre as judocas gaúchas e suas participações em Jogos Olímpicos, refletiu-se sobre como a presença delas pode gerar representações sociais e culturais. Esperamos que o presente estudo possa contribuir às discussões sobre a memória do esporte e a presença de aletas gaúchas em Jogos Olímpicos.

¹ Sensei = aquele que veio antes, professor.

² Dojô = local de treinamento

³ Reportagem: QUEM SOMOS? **Revista Veja**. 17 de agosto, 2016. Editora Abril, nº33, pag. 98.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	16
4 A PRESENÇA DE MULHERES NO JUDÔ.....	26
5 MEMÓRIA ORAL DAS JUDOCAS SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE A	82
APÊNDICE B	83
APÊNDICE C	86

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado trata das judocas brasileiras, naturais do Rio Grande do Sul, e suas experiências vivenciadas nas edições dos Jogos Olímpicos no período de 2000 à 2016. A história de atletas brasileiros que participaram de edições de Jogos Olímpicos é retratada por autores como Rubio (2004, 2010, 2015).

No que diz respeito a trajetória de mulheres esportistas, judocas, pode ser encontrada através dos trabalhos das autoras, Mourão (2000), Souza e Mourão (2011), Souza et al (2015), Souza (2016), Brum (2016), Pimentel e Goellner (2017). Em particular, o estudo de Nunes (2011) na sua tese de doutorado, que posteriormente foi ampliada e publicada como livro, no ano seguinte (2012), trata de atletas de judô que conquistaram medalhas em campeonatos mundiais e em Jogos Olímpicos. O autor em específico não menciona nem homens nem mulheres que não chegaram ao pódio nos referidos eventos.

A partir dos estudos revisados apresentamos o objetivo central da pesquisa: compreender as representações culturais construídas pelas judocas gaúchas na sua trajetória esportiva, desde a iniciação até a participação nos Jogos Olímpicos nas edições de 2000 até 2016. Este objetivo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: a) Descrever a trajetória esportiva das judocas gaúchas que participaram dos Jogos Olímpicos nas edições de 2000 a 2016; b) Delinear as representações culturais construídas pelas judocas gaúchas acerca da participação nos Jogos Olímpicos; c) Apresentar as mudanças sucedidas na prática do judô feminino no Brasil assinaladas pelas judocas gaúchas.

Para Pesavento (2008), as representações construídas sobre o mundo, fazem com que a humanidade perceba a realidade e pautem a sua existência. Tais representações são geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, capacitando os indivíduos e seus grupos para dar sentido ao mundo. Essas forças heurísticas elevadas podem ser observadas nos relatos e depoimentos orais. (ALBERTI, 2013).

Entendemos que os processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão são etapas envolvidas na criação de uma representação de grupo, uma identidade. Este trabalho de classificação e recorte são práticas que visam reconhecer uma identidade social e exibir uma maneira própria de ser no mundo, significando simbolicamente um estatuto e uma posição. (CHARTIER,

1991). Encontramos os pontos em comum nos sujeitos deste estudo, início da trajetória esportiva em tenra idade, chegada ao mesmo clube esportivo para então a conquista da vaga, a participação em Jogos Olímpicos ainda que sem conquista de medalhas, o abraço da equipe e a sensação de pertencimento.

A temática aqui proposta, mulheres, está atrativa no campo da historiografia ocidental desde a segunda metade do século XX. São atribuídos aos movimentos feministas, a inserção e reconhecimento da mulher nos ambientes de trabalho e acadêmico. As próprias mulheres passaram a partilhar a função de historiador, que antes era exercida somente por homens, ou seja, mulheres contando suas próprias histórias. (BARROS, 2009).

Esta pesquisa justifica-se por contribuir com a preservação da história e memória do esporte no Rio Grande do Sul, buscando dar ouvidos à voz das atletas de judô que representaram o Brasil em Jogos Olímpicos, bem como anseia fomentar futuras investigações que contemplem a temática em questão, ao estudar com a História Oral, torna-se possível produzir uma nova versão sobre a caminhada, seja ela esportiva, profissional, acadêmica ou pessoal, os pontos altos e baixos.

Feitas as considerações, apresento a estrutura desta dissertação. Após o capítulo introdutório, na sequência temos o segundo capítulo “Referencial Teórico”, no qual delineamos os pressupostos teóricos da História Cultural que serviram de guia para a presente dissertação. O terceiro capítulo “Caminhos Metodológicos”, trata dos procedimentos empregados na pesquisa para a coleta e interpretação das fontes históricas. O capítulo quatro “A Presença de Mulheres no Judô”, apresenta indícios da presença de mulheres no judô desde as primeiras manifestações desta prática, a introdução do judô no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul. No capítulo cinco sob título “Memória oral das judocas gaúchas sobre os Jogos Olímpicos”, discorreremos sobre os resultados obtidos por meio da coleta das informações, amparadas pela revisão bibliográfica e pelo referencial teórico utilizado. O capítulo seis apresenta as considerações finais e a seguir as Referências e Anexos da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho acadêmico e sua teoria devem remeter a uma maneira de ver o mundo ou compreender os fenômenos que estão ali sendo examinados, explorados. (BARROS 2009, p.79-80). A teoria é o suporte que nos ajuda a fazer os questionamentos corretos e assim poder buscar a compreensão do que é pesquisado, pois de nada adianta fazer uma pesquisa sem saber o que deve ser questionado e ao ter as respostas não compreender a riqueza de seu conteúdo.

A História Cultural associada à História Oral, nos permite recontar os fatos pelo olhar dos participantes, mesmo por aqueles que não receberam a fama, que não tiveram os holofotes ou não foram denominados protagonistas, permite uma reinvenção do passado que se constrói na contemporaneidade, onde o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. (PESAVENTO, 2008).

Para Bloch (2001), os fatos históricos não se alteram, entretanto, o conhecimento do passado sofre alterações constantes. A escolha deste prisma, justifica-se pelo fato de que a História Cultural concede uma maneira de ampliar a abordagem ultrapassando as narrativas oficiais, permitindo interpretar o passado por meio das representações. (BURKE, 2008). Essas representações carregam em si a particularidade das experiências dos indivíduos que concedem seu depoimento.

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo (PESAVENTO, 2003, p. 22).

Cada indivíduo tem a sua versão sobre os fatos vivenciados, pois tem em seus registros memoriais os sentimentos das situações, com isso seus registros são únicos e podem ser colocados ao lado de outros recursos, imagéticos para que se consiga descrever como chegou até o momento e como isso gerou uma representação. Para a descrição desses fatos são utilizadas palavras, que produzem sentido, criam realidades, essas palavras proferidas nas entrevistas durante os depoimentos orais, são dotadas de poder, força. (LARROSA, pág. 20, 2002).

Entendemos que estar repetidamente no mesmo lugar, pode vir a ser denominado como viver em grupos, não necessariamente ao mesmo tempo, mas sim, por ter afinidades, ter objetivos e sonhos em comum. É sentir-se pertencente, pelas afinidades do grupo e talvez até pelas mesmas conquistas. Dentro do judô há diversos grupos, dos faixas pretas, dos atletas e dos técnicos, mas todos são judocas.

Dentro desses grupos a trocas acontecem pelas partilhas das histórias com as palavras que por vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetivação e aproximação, estando a memória a nos capacitar a viver em grupos e comunidades, e no sentido inverso, viver em grupos e comunidades nos capacita a construir memórias. (LARROSA, 2002, LEDUR, 2017).

Grupos também podem ser reconhecidos pelas suas representações, pelos seus processos de percepção, identificação e legitimação, com isso podem gerar impacto na cultura das pessoas e da sociedade. (PESAVENTO, 2008). Viver em grupos além de nos dar uma identidade, dá um meio em comum de aprender, pela voz, muitas vezes os grupos tendem a repetir histórias e recontar fatos que aconteceram em determinadas épocas. Ao viver em grupos, aprendemos como os antigos aprendizes aprendiam com seus mestres, pela fala, e de maneira artesanal, repetindo as instruções e execuções.

O judô apresenta com forte relação com a História Oral, pois os judocas aprendem pelas falas dos seus *Senseis*, a história é contada através de narrativas com emoções e detalhes. Segundo Drigo et al (2011), artes marciais são por vezes escolas de ofício, onde aprendizagem faz-se na ação, e assim, reconhecem a figura e valorizam o mestre e as atividades ali praticadas são tão formativas quanto os estudos formais. Sendo a experiência algo que nos acontece, que vibra, algo que nos faz pensar, e por consequência nos forma enquanto humanidade. (LARROSA, 2014). Alinhando os conteúdos da História Cultural com as vivências e experiências do judô, entendemos o que nos fala Pesavento (2008, p. 8).

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.

Dentro da cultura judoca aprender pela fala é uma das premissas, fato que nos leva a querer ouvir cada vez mais, à busca pelas informações de quem viveu fatos que podem ser parte da nossa história, parte da história do judô, brasileiro e gaúcho. As falas são constituídas por um conjunto de palavras, que podem ser dotadas de sentido ou sem-sentido, a definição de sentido tem mais a ver com dar sentido ao que somos e o que nos acontece enquanto indivíduos. (LARROSA, 2002).

A perspectiva teórica da História Cultural é rica em possibilidades e amplitudes, podendo assinalar uma reinvenção construída na nossa contemporaneidade a partir da nossa compreensão. Nesta direção, o indivíduo atua como ator e diretor de cultura, sem que para isto o indivíduo seja um intelectual, um artista ou um artesão de ofício. (PESAVENTO, 2008). Para além disto, a História Cultural considera a própria linguagem e as práticas discursivas, como substância da vida social, que por sua vez constituem uma noção mais ampla de cultura. Assim, “comunicar” é produzir cultura, seja na sua forma oral, escrita ou gestual, possibilitando ao indivíduo e aos grupos sociais se expressarem no mundo compartilhando seu “modo de vida” (BARROS, 2009).

Conforme Pesavento (2008), entende-se que para novos pesquisadores na referida linha historiográfica, a aventura por construir uma narrativa de um determinado tempo que já ocorreu, precisa de elementos como cacos, traços, evidências. Outrora estes elementos eram denominados fontes ou documentos e representados por textos, imagens, sons e vozes, ou até mesmo outros objetos que podem conter emoções e experiências individuais. Quando são retomados, retocados, os objetos auxiliam na compreensão de como perceber o mundo compartilhado.

A História Cultural permite dar espaço para as vozes através de um depoimento oral, onde é possível rememorar os detalhes de histórias pessoais que participaram de uma história maior, e ao revisitarmos essas memórias, não mudamos os fatos, mas podemos aprender e compreender cada vez mais sobre eles, sobre as experiências que comportam e as representações sociais e culturais que são geradas para a posteridade. Para que seja possível compreender a narrativa que compõe o depoimento oral, procuramos suporte em Larrosa (2002, 2014), pois o sentido é algo que tem a ver com as palavras.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo apresenta-se com características qualitativas ao que segue Creswell (2010), pois interpreta peculiaridades e os significados individuais, com viés histórico-cultural. Segundo Stake (2011, p. 48), a pesquisa qualitativa é uma interpretação de quem investiga, que busca encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas. De tal modo, é possível visitar as memórias dos sujeitos e suas experiências, buscar em suas emoções o significado do que já foi vivido e como isso marcou as trajetórias esportivas até os dias atuais.

O pressuposto teórico-metodológico utilizado é a História Oral, tanto para a coleta quanto na análise das informações obtidas por meio das entrevistas com atletas e treinador de judô. Segundo Alberti (2005), a História Oral tem por finalidade apresentar uma narrativa histórica de representações do passado, formulando uma versão do já apresentado. Esta concepção guiou a pesquisa, pois valoriza os atores, suas experiências vividas e guardadas na memória, fato este que permite a pesquisadora vislumbrar a história com um olhar contemporâneo.

A entrevista, segundo Barros (2012), é uma forma de produzir fontes orais, que são compreendidas como “fontes voluntárias”, pois existe uma intencionalidade em forma de depoimento do entrevistado ao responder às perguntas que compõem o roteiro estruturado pela pesquisadora. Observando as palavras do autor (2012) entendemos que ao utilizar esta metodologia, que por vezes possa ser apontada como uma intencionalidade nas respostas, ao contrário, traz outro tipo de riqueza para a interpretação do passado esportivo, colaborando para as interpretações de quem pesquisa frente aos discursos, às representações e às práticas.

A história “pode registrar uma recordação esportiva”, segundo Vamplew (2013, p. 6). E, no caso deste estudo, as memórias sobre a participação nos Jogos Olímpicos, auxiliam a escrever as histórias das atletas e do esporte olímpico no Rio Grande do Sul. Conforme Thompson (1992, p.22), “a história oral pode certamente ser um meio de modificar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, podendo alterar enfoques e revelar novos campos de investigação”. Esta abertura do leque de possibilidades é substancial para a investigação com as pessoas, pois permite perceber até mesmo o quando o silêncio tem o seu espaço, revelando assim, um ponto de atenção.

Feitas estas considerações, descrevemos na sequência os caminhos percorridos à coleta de dados por meio da revisão de literatura e da produção de fontes orais; os recursos imagéticos e em seguida descrevemos o processo de interpretação das informações coletadas. Importa ressaltar que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande Do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

a) Revisão de Literatura

A realização deste estudo se alicerçou na revisão bibliográfica em artigos, teses, dissertações, monografias que nos serviram de suporte na apropriação do contexto histórico-cultural e social vivenciado pelas atletas judocas gaúchas, e o técnico delas. Para isso utilizamos o termo “judô”, em língua portuguesa, para pesquisa nas plataformas Scielo, Lume e Periódicos Capes. Foram encontrados 100 artigos relativos ao tema referido, após adotar os quesitos de exclusão: termo paralímpico, artigos sem relação com o tema, artigos em língua estrangeira. O resultado desta busca está organizado no apêndice A, onde são apresentados as revistas e o número de publicações encontradas.

Para complementar a revisão bibliográfica, buscamos fazer o levantamento da produção científica no Brasil na área da Educação Física em nível de pós-graduação, a partir do Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Utilizamos como ferramenta de busca os descritores “Judô” e foi obtido o total de 65 artigos com o referido descritor no título. Ao utilizar o termo “Judoca” foram encontrados 11 itens, entre dissertações e teses e com os descritores “Judocas Mulheres” e “Judô Feminino”, não foi encontrado nenhum resultado. Isto sugere que a escrita dos descritores adota o gênero masculino.

Na continuidade das buscas, os descritores foram empregados separadamente e depois em combinação com o descritor “história”. Em ambas as combinações “Judô+História” e “Judocas+História” não foram encontrados resultados de ocorrência. O intervalo de tempo não foi definido *a priori*, porque o intuito era verificar a existência de material bibliográfico, independente da data de publicação.

b) Fontes Oraais: entrevistas

Para os autores Boni e Quaresma (2005) as entrevistas semiestruturadas se valem de perguntas abertas, por meio das quais os entrevistados têm a abertura de fala sobre o tema proposto. Além disso, a entrevistadora consegue encaminhar, por meio dessas perguntas, a entrevista para obtenção de respostas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Conforme Flick (2009, p. 143), “[...] é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”. As entrevistadas viveram experiências semelhantes no esporte, mas cada uma em seu tempo e com condições diferenciadas: classificação para os Jogos Olímpicos e participação nos Jogos Olímpicos. Portanto, a escolha pela entrevista com planejamento aberto, tornou-se mais adequada, pois viabiliza que cada sujeito tenha sua voz, suas representações e práticas.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas, foi elaborado um roteiro com nove questões, além de um quadro de dados de identificação das atletas e do técnico. Os principais temas do roteiro da entrevista foram o início da atleta na prática do judô e trajetória esportiva. As entrevistas tiveram foco em aspectos relacionados ao esporte de alto rendimento olímpico e ranqueamento relativos, mais especificamente, às memórias das experiências vividas ao longo da prática do judô competitivo. Foi aplicado o mesmo roteiro semiestruturado para todos os participantes, o qual receberam previamente por e-mail. Assim, as atletas, o técnico e entrevistados conheceram as perguntas que seriam feitas, permitindo, deste modo, que pudessem elaborar de forma antecipada, as respostas a serem expostas para a entrevistadora.

O critério de inclusão das atletas foi composto por dois fatores: participação nos Jogos Olímpicos e estar treinando/ representando o clube SOGIPA, no marco temporal de 2000 a 2016. A escolha desse marco temporal justifica-se pela primeira participação de uma judoca gaúcha nos Jogos Olímpicos na edição de 2000 e se encerra na edição de 2016, onde a seleção brasileira feminina de judô esteve completa, com atletas em todos os pesos/categorias. As atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se os procedimentos éticos descritos na pesquisa.

Nesta direção, apresentamos a seguir as judocas e o técnico que concederam depoimento, no Quadro 1 em ordem alfabética. Elencamos além de suas

participações olímpicas outros pontos de suas trajetórias esportivas. *A posteriori* surgiram mais dois nomes que foram entrevistados para dar mais luz ao nosso estudo no quesito do departamento de judô da SOGIPA, esses personagens foram atleta e técnico do clube.

Quadro 1 - Apresentação dos entrevistados

	J. O.	Colocação	Conquistas
Treinador			
Antônio Carlos Pereira “Kiko”	Sidney 2000 Pequim 2008 Londres 2012 Rio 2016	-	Técnico do clube Suporte técnico seleção
Atletas			
Maria de Lourdes Mazzoleni Portela	Londres 2012 Rio 2016	---- ----	Bronze Pan Americano 2011/2015, Ouro Pan Americano 2012
Mariana Martins	Sidney 2000	7º lugar	Bi-Campeã Pan Americana 1998/99, Bi-Campeã Brasileira 1997/99
Outros colaboradores - Fontes			
Alexandre Velly Nunes			Treinador do Clube
Sérgio Guido Zimmerman			Atleta do Clube

Fonte: Elaborada pelas autoras

Antônio Carlos, o Kiko, como é popularmente conhecido na área do judô, é técnico do clube SOGIPA desde 01 de agosto de 1987. Sob seu comando os atletas da SOGIPA conquistaram 6 campeonatos mundiais na classe sênior, 6 medalhas olímpicas. Sobre as participações olímpicas, Kiko destaca quantas atletas já ajudou a chegar na seleção brasileira de judô em ambos os sexos, somando até o momento da entrevista 9 de seus comandados.

Maria Portela é a mais consistente e resiliente, figura entre as 15 melhores atletas da sua categoria de peso, não conseguiu ainda a tão sonhada medalha olímpica, chegou ao clube após passagens pelos estados de Santa Catarina e São Paulo, mas foi pela SOGIPA que conseguiu chegar aos Jogos Olímpicos. (CBJ, 2020, PORTELA, 2022).

Mariana foi a primeira mulher judoca, nascida no Rio Grande do Sul e do clube SOGIPA a participar de Jogos Olímpicos, jovem atleta que superou as favoritas do eixo Rio-São Paulo quando o clube ainda não tinha toda a estrutura que tem atualmente (NETTO, 2016).

O contato com as judocas seguiu os preceitos da hierarquia do judô, primeiramente foi feito contato com o *Sensei* das atletas, solicitando a permissão e apoio para poder entrevistar as judocas. O *Sensei* Antônio Carlos Pereira, Kiko, foi muito solícito na condução das apresentações demonstrou apoio, tentou ajustar a agendas das judocas ainda em atividade, Maria Portela e Mayra Aguiar, indicando os melhores períodos para contato. Sobre a judoca Mariana Martins, Kiko, indicou que talvez fosse mais difícil visto que ela estava em viagem fora do país, mesmo assim, concedeu o número de telefone para contato direto.

Após o contato com o *Sensei* Kiko, foram contatadas todas as judocas, e com o retorno positivo sobre a participação neste estudo, foram agendadas as entrevistas. Por questões logísticas, as entrevistas com Mariana Martins e Maria Portela, aconteceram de maneira remota, através da gravação pela plataforma StreamYard e Youtube, onde foram registradas em áudio e vídeo, posteriormente transcritos.

A entrevista com Maria Portela teve duração de 32 minutos e 39 segundos, Maria estava em São Paulo, pois passou por procedimento cirúrgico no joelho esquerdo com o médico da seleção brasileira de judô. A entrevista com Mariana Martins teve duração de 36 minutos e 34 segundos, Mariana estava de volta a São Paulo, onde reside atualmente.

Não foi possível o contato com a judoca Mayra Aguiar, mesmo com a intervenção do *Sensei* Kiko, de amigos e contatos via rede de amigos, tanto da judoca quanto da pesquisadora. A justificativa para a não participação neste estudo é de que os contatos foram feitos em momentos prévios a competições, ou durante o processo de preparação e controle de peso corporal, reabilitação e preparação física. Entendemos que a preparação mental da atleta é uma prioridade.

A *priori* foram elencadas para entrevista somente as atletas. Ao que se seguiu a realização e escuta das entrevistas com as judocas, foi percebido a necessidade de entrevistar o *Sensei* Kiko, mencionado por ambas as judocas como um dos fatores responsáveis pelas participações em Jogos Olímpicos. A entrevista com o *Sensei*, aconteceu em Porto Alegre, durante a edição do CERGS 2022, esta entrevista foi registrada somente em áudio, visto que o contato não estava agendado. Havia a

intenção de agendamento, porém a oportunidade apareceu antes do planejado, em conversa informal no banco dos técnicos e o pedido seria somente de auxílio para ter retorno da Mayra Aguiar, e durante a conversa, foi falado sobre a percepção das atletas sobre a personalidade de Kiko e sua influência na participação das atletas em Jogos Olímpicos.

Sensei Kiko, demonstrou respeito e honradez ao ouvir que suas atletas atribuíram a ele o fato da participação olímpica, o mencionaram como “visionário” (Maria Portela), “perseverante” (Mariana Martins), características que ele também reconhece nele. Kiko se sentiu muito feliz ao ser convidado a participar do estudo. Um ponto de atenção ao analisar a entrevista de Kiko, é que ele é objetividade de suas respostas, pois não discorre tanto sobre o assunto. A visão de Kiko é estratégica e direta, fato que tornou a concessão de sua entrevista, curta e rápida em comparação as demais entrevistas deste estudo.

Para melhor visualização acerca das entrevistas semiestruturadas coletadas para este estudo, apresentamos o Quadro 2 com o tempo de duração das entrevistas de cada participante, seguindo agora o critério de ordem de realização.

Quadro 2 – Duração das entrevistas

Participantes	Tempo da entrevista
Maria de Lourdes Mazzoleni Portela	32min39seg
Mariana Martins	36min34seg
Antônio Carlos Pereira, Kiko	11min24seg
Sérgio Guido Zimmerman	19min32seg
Alexandre Velly Nunes	56min47seg

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a coleta das gravações procedeu-se para a transcrição das entrevistas. Em sequência desta etapa, as transcrições foram enviadas para os participantes por e-mail, para conferência do texto, caso quisessem solicitar alguma alteração ou supressão de suas falas. Seguimos a orientação de Alberti (2013) “é preciso respeitar a ordem das palavras do entrevistado e as palavras que ele elege, não cabe acrescentar novas palavras ou substituir as que são usadas por sinônimos.” Dito isto, procuramos manter na transcrição as palavras da mesma maneira que foram

proferidas. Os participantes não manifestaram desejo de alterar o texto de suas entrevistas.

O fluxo do processo de coleta seguiu os procedimentos previamente estabelecidos, para ampliar a compreensão desta etapa da pesquisa, apresentamos o Quadro 3, etapas da coleta.

Quadro 3 – Etapas da Coleta

<p>Contato por mensagem no <i>whats app</i> com o <i>Sensei</i> Antônio Carlos, Kiko, para apresentação e explicação da intenção da Dissertação. Envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com nome do estudo, mestranda e orientadora.</p>
<p>Resposta do <i>Sensei</i> para realização das entrevistas com as atletas em plena atividade competitiva, com a orientação de evitar as datas em que elas estivessem cuidando do peso e possível viagem.</p>
<p>Recebido o contato das atletas, por meio da rede de contatos e confirmados pelo <i>Sensei</i> Kiko, para aproximação e definição da melhor data e local para coleta.</p>
<p>Retorno positivo para entrevista da Maria Portela, a pedido da atleta, a entrevista foi realizada de forma on-line, visto que a atleta se encontrava em outro estado. A judoca recebeu antecipadamente o roteiro da entrevista semiestruturada, bem como o TCLE, este foi devolvido assinado ao final da entrevista.</p>
<p>Retorno positivo para entrevista da Mariana Martins, esta entrevista foi realizada on-line pois a judoca mora em outro estado. A judoca recebeu antecipadamente o roteiro da entrevista semiestruturada, bem como o TCLE, este foi devolvido assinado ao final da entrevista.</p>
<p>Em conversa com o <i>Sensei</i> Kiko, solicitando mais uma vez sua intervenção para que a atleta Mayra Aguiar participasse do estudo, comentei sobre a coleta das entrevistas com as outras judocas, comentei que as duas em total concordância, mas em momentos diferentes, atribuíram a conquista da vaga Olímpica à ele, e com este fato, questionei se ele poderia então, conceder a entrevista.</p>
<p>Em meio a competição do Cergs (Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul), na modalidade de judô, no Ginásio do CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), retiramo-nos para uma sala silenciosa e com o equipamento smartphone Xiaomi Redmi 10 com o aplicativo gravador, foi coletada a entrevista de Antônio Carlos Pereira.</p>
<p>As entrevistas foram coletadas de forma individual, em ambientes silenciosos que permitissem a qualidade da gravação. Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora.</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

Segundo Pinsky (2008), História Oral, é um processo que resulta de uma ação pontual, de compreender o que passou, que busca interpretar os vestígios de ações, não somente relatos do que foi vivenciado, isso permite documentar as ações de constituição de memória. Ao realizar as entrevistas importa ressaltar que o resultado desse processo deve ser entendido com um documento, de caráter biográfico, similar ao gênero de memórias, autobiografias, diários e demais documentos pessoais. A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral permitir versões do passado, sendo a memória um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico e que pode valer-se de ferramentas socialmente criadas e divididas. Tais situações e compartilhamentos podem ser semelhantes entre os envolvidos, ou contraditórias, mas cada um terá a sua memória, a sua interpretação e a sua representação sobre os fatos compartilhados pelo depoimento. (PORTELLI, 1997, p. 14).

Buscamos o suporte para esta etapa nos pressupostos de MEIHY (2011, p. 64). Para este autor, a História Oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos, que visam formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social. Por isso queremos nos valer do suporte tecnológico que permite registrar a voz e o rosto dos participantes.

A escolha pela metodologia da História Oral, baseia-se na amplitude de seus usos e potencial de facilitação entre os métodos e formas de registros da oralidade, bem como sua transferência de meios, do audiovisual para o escrito. As falas em entrevistas, formam o depoimento, que expressam as experiências e visões do mundo de cada indivíduo. No entanto, para que sejam capturados, se faz necessário um plano de ação, com intuito de realizar considerações e ponderações acerca do contexto social e individual, esses fatores deverão conter uma ligação e uma relação de mutualidade. (MEIHY, 2002).

Segundo Ferreira e Amado (2006), elaborar conhecimentos históricos com a metodologia e análise da História Oral é muito mais que reproduzir um relato ordenado da vida e experiências dos atores envolvidos. Os relatos que elaboram as fontes orais seguem uma distinção na conduta com que está destinado a constituição de novas fontes para a pesquisa histórica (ALBERTI, 2005). A História Oral desenvolveu-se como uma estratégia para dar voz a personagens sociais com baixo índice de

participação na construção da memória coletiva, foi por vezes nomeada como a história vista de baixo.

A história do esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação, sem a qual o que há é a amnésia esportiva (VAMPLEW, 2013). Diante de tal afirmação, associada a história oral, buscamos revisitar as memórias esportivas para compreender onde o esporte em questão nesse estudo já esteve para que talvez possamos vislumbrar uma ideia do seu futuro.

Para interpretar as informações buscamos nos pressupostos de Larrosa (2002) de que as palavras proferidas pelos sujeitos entrevistados produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Acreditamos no poder das palavras, cremos que é possível fazermos coisas com as palavras e, também que as palavras fazem coisas conosco.

c) Imagens

Com o objetivo de ampliar a visualização da trajetória esportiva das judocas gaúchas, coletamos imagens oriundas do acervo pessoal das participantes da pesquisa. Segundo Burke (2004) ao tratar as imagens como evidências, entendemos que elas “são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos veem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (p. 232); as imagens não são um reflexo da realidade social, apenas o registro pontual.

Nesta dissertação de mestrado, as imagens auxiliaram na contextualização da escrita das memórias das judocas gaúchas que estiveram nos Jogos Olímpicos de 2000 a 2016 representam a seleção brasileira, sendo posicionadas ao longo do texto de forma ilustrativa. Mais uma vez nos amparamos em Burke (2004, p. 237), que nos orienta a colocar as imagens no contexto, ou seja, que tenha uma sequência, que seja auxiliar para o entendimento dos contextos culturais, políticos, materiais etc. Deste modo, a disposição das imagens se apresenta de acordo com o assunto discutido, e não se encontram organizadas em ordem cronológica. Foi utilizado no trabalho um total de 27 imagens tratadas como representações de realidades.

d) Interpretação das Informações

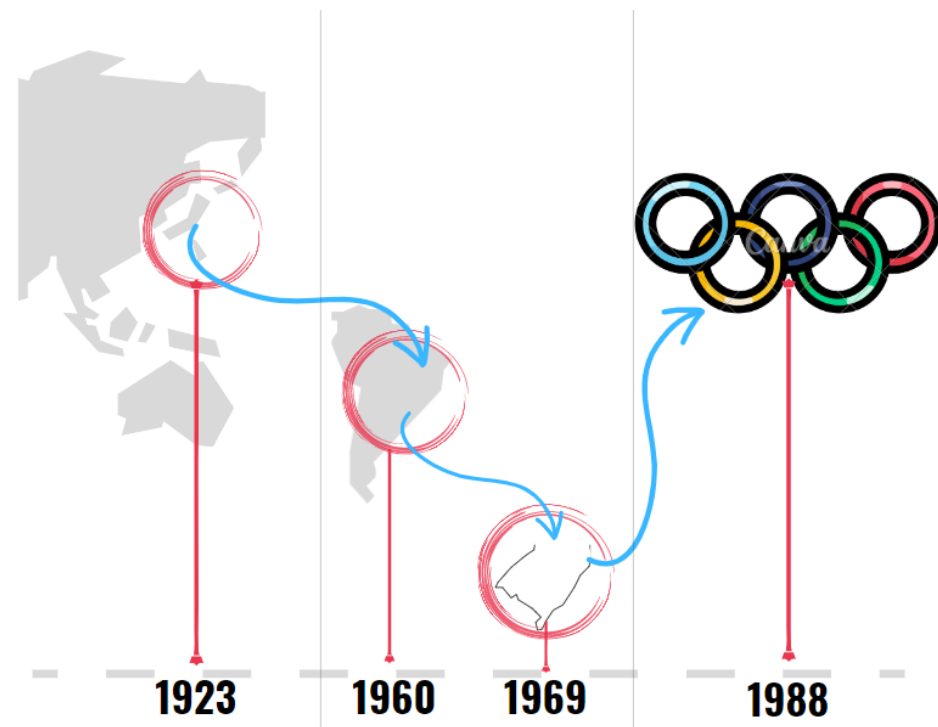
A análise de conteúdo temática das entrevistas embasou-se no processo qualitativo de recomendado por Flick (2009), visando a elaboração das categorias de

análise, buscamos analisar e descrever trechos obtidos por meio de entrevistas. Identificar os termos mais utilizados nas narrativas, isto é, de maior ocorrência, contribuiu para a categorização. Além disto realizou-se o cruzamento das informações coletadas com a literatura já produzida sobre o assunto. O confronto dos dados obtidos por meio de distintas fontes permitiu organizar as seguintes categorias: a) Início da trajetória esportiva das judocas; b) O departamento de judô da SOGIPA e a virada na trajetória das judocas; c) Representações das judocas gaúchas sobre os Jogos Olímpicos.

4 A PRESENÇA DE MULHERES NO JUDÔ

Neste capítulo tratamos da constante presença de mulheres no judô, buscamos apresentar os dados obtidos a partir da revisão bibliográfica que contém as informações desde a fundação da Escola do Caminho Fraternal - *Kodokan* – que teve mulheres entre seus primeiros alunos. No transcorrer do texto, apresentamos em forma de linha do tempo (Figura 1) esses fatos. Partimos do Japão nas décadas de 1880 e 1890, aportamos no Brasil pelos anos de 1920, aprofundamos no estado do Rio Grande do Sul a partir dos anos 1960 e posteriormente chegamos ao ano de 1988 em que há participação de mulheres judocas em Jogos Olímpicos.

Figura 1 - Linha do tempo da presença de mulheres no judô.



Fonte: Elaborada pela autora.

Com a inauguração da escola de judô, a Kodokan em 1882 (VIRGÍLIO, 1994; FRANCHINI, MARQUES E MIARKA, 2011; NUNES E RUBIO, 2012) Jigoro Kano também teve alunas mulheres. Segundo estudo de Souza e Mourão (2011), sua primeira aluna teria sido Sueko Ashiya e juntamente com ela treinavam a senhora Sumako, esposa de Kano e algumas amigas.

Ao reconhecermos as origens da criação e difusão do judô, esporte que foi pensado como uma ferramenta para o aprimoramento da humanidade (Virgílio, 1994),

procuramos saber se as mulheres também estavam inseridas neste plano. Segundo Silva, (1994, p. 198) e Brum (2016, p. 26), o judô passou a ser oficialmente ensinado às mulheres apenas a partir de 1923, como uma prática de bem-estar físico, tendo vetado às mesmas algumas práticas, como o *randori*⁴ (treino livre, luta, tradução da autora).

Do contexto de ensino familiar, houve maior interesse por mulheres próximas à família de Jigoro Kano, houve então a inauguração do departamento experimental de judô feminino. Em 1923, este departamento e prática foi oficializado, este espaço que outrora foi experimental, foi batizado de *dojô Joshi Bu*⁵, espaço das mulheres, em tradução livre da autora. (SILVA, 1994). Como o sistema idealizado por Kano tinha objetivos maiores que somente vencer combates, ele criou divisões, iniciantes e graduados, para o que se pudesse respeitar uma ordem pedagógica, por isso mesmo, ele criou um espaço para preservar as mulheres das diferenças de forças dos homens da época, respeitando também as leis vigentes no Japão em meados de 1920.

Sendo assim, um dos seus pilares, para além da prática física, é prosperidade e benefícios mútuos, representado na linguagem japonesa através da frase *JITA KYOEI*,⁶ que tem por ideal ser estruturado em valores filosóficos que auxiliem na vida dos praticantes. (VIRGÍLIO, 1994; FRANCHINI et al, 2003; KANO, 2008; MIARKA, MARQUES E FRANCHINI, 2011). Jigoro Kano tinha em outro princípio um dos seus pilares, o *SERYOKU ZENYO*⁷, que por tradução nossa, significa máximo de eficiência com mínimo de esforço, ou seja, ele pretendia que a energia fosse usada corretamente, sem desperdício de tempo ou colocar energia demais onde não fosse necessário.

O termo judô, pode ser representado por *kanjis* ou ideogramas, onde JU⁸ significa suave, leve e DÔ⁹, que significa caminho, via ou doutrina, portanto, judô pode ser traduzido como, “suave caminho”, pois o judoca encontra na sua prática o fortalecimento do espírito através do fortalecimento do corpo, e com isso torna seu caminhar muito mais suave. (FRANCHINI E DORNELES, 2005.)

⁴ Randori – treino de livre, luta.

⁵ Joshi Bu – espaço das mulheres

⁶ Jita Kyoei – princípios do judô sobre prosperidade de benefícios mútuos.

⁷ Seryoku Zenyo – máxima eficiência com mínimo de esforço, ou esforço inteligente.

⁸ Ju – do japonês, Suave, Suavidade, Gentil, Gentileza.

⁹ Do – do japonês, Caminho, via.

Figura 2 - Jigoro Kano ensinando judô para as mulheres.



Fonte: Kodokan Institute.

Mesmo em um país fechado, Jigoro Kano, já tinha um pensamento voltado para o futuro, em incluir as mulheres na sua filosofia de prática do judô (Figura 2), respeitando as leis locais, criando um sistema que pudesse proteger legal e fisicamente as mulheres na época. Silva (1994, p.198) ressalta a cultura machista japonesa e a tendência de exclusão das mulheres das atividades, principalmente das lutas. E, se buscarmos em outras sociedades, as mulheres eram preservadas de muitas situações para que pudessem realizar as atividades que os homens não poderiam fazer, como a maternidade. (NAGAI, 2021).

Este espaço para mulheres, a prática do judô feminino era limitada a educação física e moral, o instrutor era um homem de confiança de Kano e dava instrução da prática de judô e de cuidados com a saúde, enfatiza a necessidade de treinar o kata,¹⁰ melhorar a força física e a resistência necessárias para as quedas e randoris, recomendava também o treino racional, evitar comer em demasia e a fadiga, fatores poderiam causar doenças e levar a lesões. Uzawa Takashi não aconselhava que as mulheres se interessassem pela competição, visto que isto as levaria a treinar em excesso e poderiam ficar obcecadas em vencer. (MESSNER, 2020).

Brum (2016, p.63) salienta que com o fim da era feudal em 1868 com a ascensão da era Meiji (Período Iluminado), o Japão se abre para o mundo e a modernização, concomitantemente a ocidentalização, fato marcante para a

¹⁰ Kata – Forma pré estabelecida de prática, defesa pessoal.

estratificação social e econômica, modificando assim a cultura japonesa (NUNES, 2011). Essa abertura proporcionou que os conhecimentos, práticas, cultura, culinária e esportes japoneses ganhassem o mundo, chegando até o Brasil com seus imigrantes no início dos anos 1920. (NUNES E RUBIO, 2012).

O judô chegou ao Brasil no início do século XX pelos imigrantes japoneses, sendo difundida por eles através de apresentações e desafios (NUNES E RÚBIO, 2012). Também denominada como arte marcial, pois seus ensinamentos não são apenas técnicos e físicos, mas transcendem as palavras e os atos materiais e provocam o seu praticante a lutar pelo seu intento, sendo capaz de aceitar com maturidade as regras de obediência proposta pelo seu mestre.

É um esporte, mas carrega muito da cultura, como o vocabulário, a vestimenta, o código de conduta e valores morais. Havia também a diferença no gestual de saudação para homens e mulheres, que persistiu até 2017. Atualmente não existe diferença de posicionamento e gestual de homens e mulheres no momento de realizar a saudação.

A presença das mulheres brasileiras no judô e em outras artes marciais, quando observada a partir de uma perspectiva histórica, foi se constituindo de forma um tanto diferenciada da masculina. Há registros de lei que proibiam tais práticas, coibindo dessa forma, tanto a divulgação como a promoção das atividades destinadas a atrair a presença de meninas ou mulheres em espaços concebidos como masculinos. O desenvolvimento do judô no Brasil remonta à primeira década do século XX, a partir da chegada dos primeiros imigrantes japoneses.

Gama (1986) aponta que na década de 1920 as mulheres já praticavam judô, porém não há uma história oficial que possa dar um relato preciso de como aconteceu esse processo, se sabe apenas que esses imigrantes que aqui chegaram, inauguraram suas academias e acredita-se que suas esposas e filhas estavam inseridas nas práticas. No referido período, a orientação destinada às mulheres no cenário brasileiro, era de que elas praticassem apenas atividades físicas pouco impactantes. Esta orientação ganhou força no início da década de 1940, quando passou a vigorar o Decreto-Lei n. 3.199, de 1941, destinado a estabelecer as bases de organização dos desportos em todo o Brasil.

De forma mais específica, o Art. 54 do Decreto-Lei n. 3.199/1941 mencionava: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Deste modo, a prática de algumas modalidades ficou restrita

somente aos homens, na medida em que as mulheres não poderiam realizar atividades consideradas, então, lesivas à capacidade reprodutiva. Neste cenário, o judô era, portanto, contraindicado para o público feminino, sob reforços pautados em discursos médicos. No ano de 1965, esta lei foi ratificada, de modo a determinar quais seriam as modalidades proibidas, abarcando dentre estas, lutas de qualquer natureza (SOUZA; VOTRE; PINHEIRO; DEVIDE, 2015).

Em contrapartida, indícios pertinentes aos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul sugerem que, mesmo em períodos de proibição, as mulheres praticavam o judô. A exemplo disto, em 1961, na Universidade Federal do Rio de Janeiro foi realizada uma aula de judô para mulheres, ministrada por uma sensei japonesa (SOUZA; VOTRE; PINHEIRO; DEVIDE, 2015). No Rio Grande do Sul, conforme relato da judoca Léa Linhares, uma das primeiras judocas do estado, no ano de 1965, o judô passou a ser oferecido na forma de curso feminino no Colégio Irmão Pedro¹¹, para uma turma composta, na época, por dezoito meninas (LINHARES, 2003, p. 5).

Este cenário refletiu sobremaneira no âmbito das competições, envolvendo a participação de mulheres representantes de diversas localidades do país. Embora tenhamos passado por importantes transformações sociais, culturais e políticas no Brasil, entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980, a legalização do judô feminino junto a instituições oficiais ocorreu a “passos lentos”. Com o final da ditadura militar, conquistas como o direito ao voto, advento das pílulas anticoncepcionais e, principalmente, após a “CPI da mulher”, fizeram com que o esporte também ganhasse força e, conseqüentemente, seu espaço na sociedade. (SOUZA E MOURAÕ, 2011).

A fim de melhor ilustrar o cenário acima apresentado, o estudo de Souza e Mourão (2006) aponta que, no ano de 1979, quatro atletas participaram do Campeonato Sul-Americano de judô, realizado em Montevideu, no Uruguai. Contudo, as atletas tiveram que ter seus nomes substituídos por nomes masculinos, para que fosse possível conseguir subsídios junto ao Conselho Nacional de Desportos, estando entre eles, a obtenção de passagens aéreas, posto que ainda prevalecia o impedimento de mulheres de praticarem esportes denominados “viris”. Mesmo diante de tais adversidades, os resultados da equipe feminina, no referido campeonato, vieram por meio de medalhas e, junto a esta conquista, desdobramentos originados

¹¹ A Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, foi fundada em 1959 e fica localizada na rua Félix da Cunha 515, no bairro Floresta em Porto Alegre.

pelas diversas reivindicações das mulheres brasileiras, ocasionaram a revogação da lei 3.199, no final daquele ano.

Em 1980, o judô feminino foi legalizado junto ao Conselho Nacional de Desportos, oficializando deste modo, a permissão para que mulheres pudessem lutar em campeonatos nacionais e internacionais sob o amparo dos órgãos responsáveis pela modalidade. No mesmo ano, a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), promoveu o primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino, realizado no Rio de Janeiro, com a presença de judocas representantes dos estados do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de São Paulo e da Bahia (SOUZA; MOURÃO, 2011).

O Campeonato Brasileiro Feminino de Judô serviu como seletiva para formar a equipe brasileira que iria disputar o Campeonato Mundial, que seria realizado no mesmo ano de 1980 no mês de novembro, em Nova Iorque. Segundo Nunes et al (2005) inferem que na década de 1980 surgem os primeiros resultados de atletas mulheres do Rio Grande do Sul em competições internacionais, como Lara Mary, judoca gaúcha que lá esteve.

As mulheres gaúchas estiveram praticando nos tatames de judô desde os anos 1960, sendo sua presença devidamente reconhecida e homologada somente a partir dos anos 1980. Este foi o caso de Léa Linhares que foi a primeira faixa preta do Rio Grande do Sul, que já praticava no ano de 1969, mas sem o devido reconhecimento e homologação. Fato que a levou a deixar de lado a prática o judô. Léa atribui em sua fala que o judô foi um caminho de aprendizagem sobre filosofia, espiritualidade e autoconhecimento, que a mística oriental, foi um dos fatores que a atraíram tanto para o esporte. Pode-se entender que Léa praticava o judô proposto por Jigoro Kano, fortalecendo sua condição intelectual, moral e espiritual e com isso, fortalecia também seu lado físico, seu corpo. (LINHARES, 2003).

Sobre o lado competitivo do judô, a judoca relata que desejou muito e isso a motivou a buscar a faixa preta e abrir caminho para que outras mulheres pudessem somar a sua caminhada e não enfrentar tantas dificuldades como ela. Léa conquistou a faixa preta no ano de 1969, época em que a prática de luta por mulheres não era permitida, mas Léa acreditava que ao ajudar na divulgação junto a entidade responsável pelo esporte poderia mostrar as mulheres e a população em geral, que não havia prejuízos para as mulheres e suas particularidades, como frequentemente era veiculado pelas campanhas midiáticas onde se representava a judoca como

menina meiga, carinhosa e faziam alusão a sua estatura, e ainda detinha destreza técnica para defesa e ataque nos combates. (LINHARES II, 2005).

Figura 3 – Léa Linhares



Fonte: PIMENTEL, GOELLNER (2017)

Léa Linhares (Figura 3) teve o registro oficial de faixa preta negado pela Confederação Brasileira de Desportos, e isso a desmotivou em larga escala, pois os dirigentes estaduais, segundo Léa, simplesmente acataram a negativa e nada fizeram e somente meados de 1975, o então presidente da federação gaúcha de judô Gaston, ligou para que ela retornasse ao judô e repetisse o processo de oficialização de sua graduação, porém ela alegou já estar fora do esporte e ter passado da idade. (PIMENTEL, GOELLNER, 2017).

Percebemos que embora os fatores que motivaram a prática do judô em meados de 1965, a mística oriental, os valores filosóficos e morais a guiaram para a vida, mesmo que tendo uma recusa de algo que queria muito, Léa levantou e seguiu por outro caminho, levando consigo o *SERYOKU ZENYO*, máxima eficiência com mínimo de esforço, ou seja, se para ter o reconhecimento de sua graduação de faixa preta era necessário empenhar-se muito e depender de outras situações, não seria possível atingir a eficiência necessária.

No mesmo ano em que Léa recebe o convite para o retorno ao judô, outro momento é vivido na cidade de Porto Alegre, já há maior número de mulheres praticantes do esporte ainda que não estivessem cientes da proibição por lei, porém

a divulgação que era feita para atrair a turma feminina, veiculava os benefícios de autodefesa, fortalecimento do corpo e destreza, e as aulas eram ministradas por uma instrutora, como veremos, lara começa sua trajetória no judô no ano de 1975, em seu local de treinamento, ela relata que havia um grupo grande, em torno de 70 meninas e mulheres. (PAZOS, BRUM, 2016).

Iara Mary Martins Cunha, gaúcha nascida em Porto Alegre no dia 16 de julho de 1962, iniciou a prática de judô em 1975 na academia Rui Barbosa, no centro de Porto Alegre, aos 13 de idade. Lá recebeu as primeiras lições sobre o judô e seus preceitos filosóficos. Em sua carreira esportiva passou também pelas agremiações: Academia Meibu Kan, Academia Stylo, Vicente Pallotti, Sport Club Internacional, Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, SOGIPA, Grêmio Náutico Gaúcho. Iara foi a primeira mulher faixa preta de judô com o devido reconhecimento, fato que ocorreu logo após a conquista do campeonato brasileiro de 1980. Foi também a primeira judoca gaúcha a participar de competições internacionais, como o 1º Campeonato Mundial Feminino, realizado em Nova Iorque em novembro de 1980. (PAZOS, PRONDRYSKI, 2010).

Na foto abaixo (Figura 4) a reportagem veiculada no Jornal Folha da Tarde, datado de 12 de novembro de 1980, a mídia (Jornal Folha da Tarde, 1980) enaltece o feito de Iara ser a primeira gaúcha faixa preta de judô, devidamente registrada e reconhecida, e apresenta o ineditismo de sua ida ao primeiro campeonato mundial, exclusivo para mulheres judocas.

Figura 4 – Iara, primeira gaúcha faixa preta registrada



Fonte: Arquivo pessoal de Iara Pazos; Recorte do Jornal Folha da tarde 12/11/1980

Sobre as motivações que a levaram a praticar o esporte, a judoca relata que quando criança era muito tímida e sofria *bullying*, por vezes apanhava dos colegas ou tinha os cabelos puxados, mas não conseguia reagir e ficava chorando. Ao ver uma propaganda sobre artes marciais solicitou à mãe que a levasse, para que pudesse aprender a se proteger. E aprendeu muito mais que isso, ao tomar conhecimento dos aspectos filosóficos, entendeu que não precisaria bater em ninguém para ter segurança. (PAZOS, 2005).

Diferente da trajetória esportiva de Léa, Iara conseguiu competir e relata que havia poucas competições, somente duas por ano, estadual e metropolitano, a respeito do apoio da federação gaúcha de judô, ela relembra que mesmo sendo pouco ele existia, consideramos que esse apoio revelado pudesse estar relacionado a não ter mais perdas das judocas. (PAZOS, 2005).

Iara foi nove vezes campeã brasileira, campeã gaúcha invicta de 1980 a 1989, ganhou a seletiva para os jogos Mundiais Universitários, mas acabou não chegando a disputar por não receber a passagem, em memórias, lembrou que “os cartolas” da época ficaram com a verba e levaram menos atletas que poderiam ao campeonato. Segundo o currículo esportivo, Iara também foi classificada para disputar o campeonato Mundial em 1988, na Rússia. Com o passar dos anos a presença de mulheres praticando e competindo judô foi aumentando, credita-se isso ao fato da revogação do Decreto-Lei (3.199, de 1941), e pela trajetória das outras mulheres judocas, que deixaram as possibilidades em aberto.

Contemporânea de Iara Mary, Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski, iniciou na prática de judô aos 15 anos na Academia Stylo, onde a mãe participava das aulas de ginástica, Eliane relata que um dia a mãe perguntou se ela e a irmã gostariam de fazer algum esporte, até tentou o Kung Fu, mas o que realmente a cativou foi o Judô. Com a prática regular de judô Eliane, aponta a descoberta por gostar do movimento e de praticar esportes, a revelação da disciplina foi o ponto certo para sacramentar a relação com o judô. A mãe além de colocar as filhas Eliane e Eliége no judô, entrou junto e foi judoca até a faixa verde, sendo muito mais que incentivadora, foi uma grande parceira. (PAZOS E PRONDRUSKI, 2005).

Ao longo da trajetória esportiva, Eliane passou por agremiações como Vicente Pallotti, Sport Club Internacional, SOGIPA e Grêmio Náutico União. Sobre o apoio e

competições, a judoca direciona os créditos ao seu professor na época, César Hernandez, que além de ministrar as aulas, “corria” atrás da divulgação dos resultados da equipe feminina, e não cobrava mensalidade de quem participava de competições nos anos de 1980. (PAZOS E PRONDRUSKI, 2005).

A Academia Stylo¹² foi grande responsável pela solidificação do judô feminino no estado do Rio Grande do Sul, na reportagem que segue (Figura 5), podemos identificar as duas judocas contemporâneas já mencionadas, Iara Mary e Eliane Pintanel ilustrando a foto da reportagem veiculada pelo jornal Folha da Tarde em 30 de junho de 1980. Este material compõe o arquivo pessoal de Iara Mary.

Figura 5 - Stylo ganha no feminino.



Fonte: arquivo pessoal de Iara Mary. Folha da Tarde. 30 de junho de 1980.

Eliane gostou e dedicou-se tanto ao judô que obteve grandes conquistas em sua categoria de peso e a qualificou entre um seletivo grupo para participar da seletiva olímpica de Barcelona 1992 (Figura 5) a disputa com a atleta que ficou com a vaga, Jemima Alves. Eliane está embaixo, em posição de buscar defender-se do ataque no solo de Jemima. Esta foto Eliane tem em seu arquivo pessoal, não a original, pois recebeu via mídias sociais de colegas do judô de outro estado, e reconhece a legitimidade da figura e mesmo após anos, conseguiu rastrear a fonte original, o blog Diário de Pernambuco, que tem uma seção sobre as relíquias Olímpicas.

¹² Academia Stylo, localizada no bairro Cidade Baixa de Porto Alegre – RS, sob comando do Sensei César Hernandez

Sobre a foto abaixo, referente a Seletiva Olímpica de 1992 (Figura 6), Alexandre Nunes comentou em seu depoimento que Eliane era a favorita, mas teve que lutar sem o técnico, pois no ano de 1991, a SOGIPA ainda não tinha aporte financeiro para enviar o técnico junto nas competições. Percebemos o desalento na fala do técnico, que sabia do potencial da sua atleta e a importância do acompanhamento em situações decisivas. Outro ponto relatado por Nunes é de que a Confederação Brasileira de Judô no referido ano, por questões políticas queria alguém da parte nordeste do país na seleção. (NUNES, 2022).

Figura 6 - Disputa entre Eliane Pintanel (RS) embaixo, Jemima Alves (PB) acima.



Fonte: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/reliquiasolimpicas/project/a-suavidade-de-jemima/>

Quando questionada no quesito de sua graduação a faixa preta, Eliane recorda que ao ser campeã brasileira em 1986, foi convidada pela federação gaúcha de judô para fazer o exame, relata que fez os cursos exigidos, passou nas provas e recebeu sua graduação. (PAZOS E PRONDRUSKI, 2005).

Diante da exposição das precursoras do judô feminino no estado do Rio Grande do Sul, percebemos que a capital, Porto Alegre, esteve na vanguarda da participação feminina nos esportes de combate e esportes de alto rendimento. Mais um fato que merece atenção do nosso olhar é de que as atletas Lara e Eliane, fizeram parte da equipe de judô do clube SOGIPA, ponto em comum com as atletas que contribuíram com nosso estudo.

No ano de 1989, Eliane e Lara, relatam que o conseguiram pela primeira vez o título de campeãs brasileiras por equipe, quando estavam atletas do clube SOGIPA, e houve uma preparação mental para enfrentar os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e segundo elas o Rio Grande do Sul deslanchou em nível nacional.

O título das judocas gaúchas teve suporte nos treinamentos desenvolvidos pela equipe de técnicos do clube, que segundo Nunes (2022), ele trouxe do seu intercâmbio no Japão. Ou seja, a experiência, aquilo que aconteceu e se passou com os técnicos, atravessou o tempo e espaço, ressoou em outras experiências e deu sentido para novos acontecimentos. (LAROSSA, 2014).

Oito anos após a primeira edição de um campeonato mundial de judô, exclusivamente para as mulheres, o Comitê Olímpico Internacional (COI), coloca o judô feminino como esporte apresentação nos Jogos Olímpicos de Seul 1988, mas a inclusão oficial só ocorreu nos Jogos de Barcelona 1992.

O judô se tornou modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos de 1964, mas seu fundador já fazia parte muito antes, em 1909, quando o Japão foi convidado a integrar o Comitê Olímpico Internacional (NUNES, 2011). Kano foi o primeiro oriental a fazer parte do COI e essa inserção permitiu a divulgação do judô e do Japão no contexto ocidental. Talvez, em razão disso, o Japão quase foi sede dos Jogos de 1940, porém esta edição não ocorreu devido a eclosão da Segunda Guerra Mundial. (COI).

Ressalta-se que somente o judô masculino fez parte dos Jogos Olímpicos como modalidade teste na edição de Tóquio 1964, e figurou como oficial nos Jogos Olímpicos de Munique 1972, ainda somente com judocas masculinos. Entende-se que houve uma descontinuidade no judô como esporte olímpico de 1964 a 1972, os organizadores da edição dos Jogos Olímpicos que ocorreram no México optaram por não incluir, como cidade sede poderiam escolher apresentar outras modalidades esportivas, fato que permitiu ao judô voltar ao quadro na edição seguinte e desde então se mantém como componente regular do quadro oficial.

A trajetória do judô desde arte marcial, modalidade esportiva até se tornar um esporte competitivo e Olímpico passou por 8 décadas, com repercussão internacional e isto culminou com a inserção no programa olímpico dos Jogos de Tóquio, no ano de 1964. Desde esta edição ainda como esporte-apresentação o Brasil enviou delegações, em Tóquio Lhofei Shiozawa, até 1984 nos Jogos de Moscou, só participavam atletas homens. A modalidade de judô feminino, foi esporte-apresentação em 1988 nos Jogos de Seul. (NUNES, 2011).

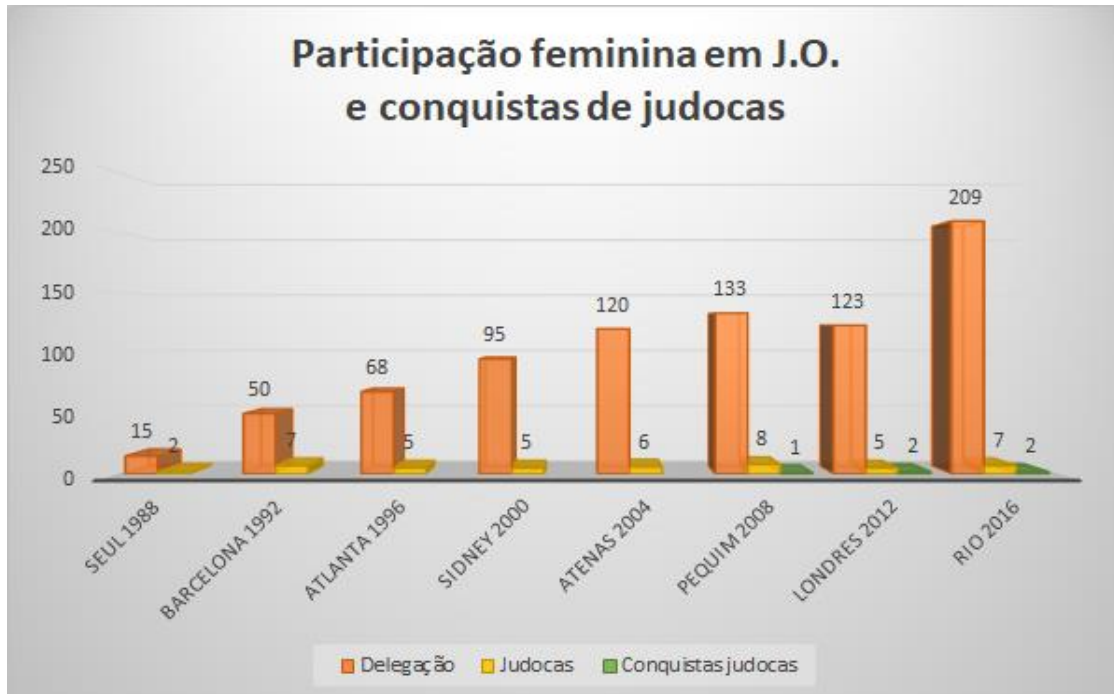
O judô feminino foi modalidade teste no Jogos de Seul 1988, quando a delegação foi decidida em um Campeonato Pan Americano, e as campeãs de cada categoria daquele evento, iriam então compor a seleção das Américas, o Brasil conseguiu apenas duas campeãs, Soraia André (meio pesado), e Mônica Angelucci (ligeiro), estas atletas foram as primeiras mulheres judocas brasileiras a participar da competição Olímpica de judô. (ANDRÉ, 2016). Como as competições de judô em solo brasileiro somente foram permitidas em 1980, após a queda do decreto-lei, um feito para essas judocas que em tão curto espaço de tempo, apenas oito anos, conseguiram competir no Brasil e em campeonatos internacionais e colocar seus nomes no evento mais importante no meio esportivo.

Após a abertura, ocorreram os campeonatos brasileiros e regionais, o Rio Grande do Sul enviou suas representantes para os referidos eventos, mas não conseguiu que nenhuma atleta integrasse a seleção olímpica naquele momento. De Seul 1988 a Rio 2016, o judô levou 27 judocas, somente no feminino, sendo 3 pertencentes ao clube SOGIPA, na época dos Jogos Olímpicos. (RÚBIO, 2015). Há atletas que participaram de mais de uma edição, fato que pode ser sustentado pela tenacidade dos resultados das judocas, o ranqueamento para disputar os Jogos Olímpico é com critérios da federação internacional de judô¹³.

A representatividade feminina nos Jogos Olímpicos é crescente e como aponta o COB, (Figura 7), em 1988 apenas 15 mulheres participaram, nesta edição o judô feminino foi modalidade teste. Após 20 anos, quando houve a conquista de Ketleyn, a delegação brasileira foi composta por 133 mulheres. Ao passo que em 2012, ano da medalha de ouro de Sarah Menezes e o bronze de Mayra Aguiar, foram 123 atletas mulheres. Fechando em 2016 as conquistas do ouro de Rafaela Silva e mais um bronze de Mayra Aguiar, com 209 mulheres na delegação brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio. (COB, resultados, 2020.)

¹³ Vaga direta: somatório de pontos pelas competições do circuito internacional, são 18 atletas mais bem ranqueados que conseguem. Vaga continental: ter mais pontos dentre os atletas do continente, mas que ainda que não sejam suficientes para a vaga direta, são disponibilizadas 10 vagas no masculino e 11 vagas no feminino. Lembrando que em ambos os casos, se o país tiver mais de um atleta com pontuação para a vaga direta ou continental, aquele que tiver mais pontos tem o direito, ou o país pode realizar uma seletiva interna. (COB, 2020).

Figura 7 – Participação feminina em J. O.



Fonte: Elaborado pela autora

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB), em sua página na internet, tem a web série, “Heróis Olímpicos”, com oito temas abordados nas entrevistas com atletas, como: carreira, vila olímpica, família, lidando com dificuldades, cerimônia de abertura, ídolos, qualidades de um campeão e legado. Dentre os atletas convidados, estão duas judocas, Sarah Menezes e Mayra Aguiar, faltando outras medalhistas neste mosaico de atletas, mas percebemos que isso pode ser o início de uma grande jornada.

No referido site, há relação de resultados brasileiros nos Jogos Olímpicos, onde podemos visualizar o nome de Ketleyn Quadros, com a primeira medalha individual feminina, na edição de Pequim 2008. (LEDUR, 2017).

Nos anos 2000, a Revista Veja (ISHII, 2000) em edição especial sobre os Jogos Olímpicos de Sidney, traz a fala de Vânia Ishii, filha do primeiro medalhista olímpico do judô brasileiro e a esperança de que ela repetisse o feito do pai, Chiaki Ishii, que havia conquistado uma medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, ou que obtivesse melhores colocações que sua irmã Tânia Ishii, que já tinha participado de Jogos anteriores, sem conquistar a sonhada medalha. Nesta

reportagem Vânia exalta a responsabilidade de honrar o sobrenome: “não é qualquer família que tem três lutadores olímpicos” (VÂNIA ISHII, 14 jun. 2000, p.28). Percebe-se que a esperança por medalhas de mulheres judocas era grande, juntamente com tal expectativa, havia uma certa cobrança como no caso da família que já estava na terceira edição e representante no mesmo esporte.

Foram pesquisadas outras reportagens e o assunto sobre a esperança de medalhas foi recorrente, quanto a mulheres judocas, como se fosse uma necessidade, pois já havia indicações de favoritas, Edinanci Silva, judoca da categoria meio pesado, foi uma das apostas de conquistas da *Sport Illustrated*¹⁴ juntamente com Vânia Ishii nos Jogos Olímpicos de 2004, pois elas estavam bem colocadas no ranking do circuito mundial. Edinanci também comenta sobre a pressão sobre a sua terceira participação olímpica e a recorrente esperança de conquistar uma medalha, a judoca exalta que a cada edição as experiências adquiridas são mais importantes. (SILVA, 2004).

Vinte e oito anos, oito edições de Jogos Olímpicos, as mulheres judocas brasileiras abarcaram muito mais que esperanças, conquistas de medalhas. Elas, em coletivo, em muitas gerações, trilharam um caminho de suor, renúncias, escolhas e vitórias. Foi longo, demorado, mas também brilhou com as cores de bronze e ouro, quatro medalhas, muitas lutas, e como uma das reportagens da revista Veja veiculou em agosto de 2012, “o Judô faz escola”, que permitiu chegar até o lugar mais alto do pódio. Escola esta que foi trazida na referida reportagem, por meio de

trecho que refletia a tradição do judô brasileiro, como uma respeitada potência internacional. O texto ainda menciona a influência da imigração japonesa para a construção o desenvolvimento da modalidade e da tradição judoística no país:

Como seria de imaginar, a modalidade foi introduzida no Brasil por imigrantes japoneses, no início do século passado. O Japão continua sendo a grande referência no esporte em todo o mundo, como os Estados Unidos em relação ao basquete, e foram os japoneses também a fonte principal para a construção de um jeito brasileiro, rápido, de excelente pegada no quimono[...] (O JUDÔ FAZ ESCOLA, 8 de agosto. 2012, p.126)

¹⁴ Sports Illustrated é uma revista norte americana publicada semanalmente desde 16 de agosto de 1954, foi fundada por Henry Luce, pertence ao grupo Authentic Brands e suas publicações estão relacionadas aos esportes. (SI, 2022). Acessado em 02/03/2022 www.si.com

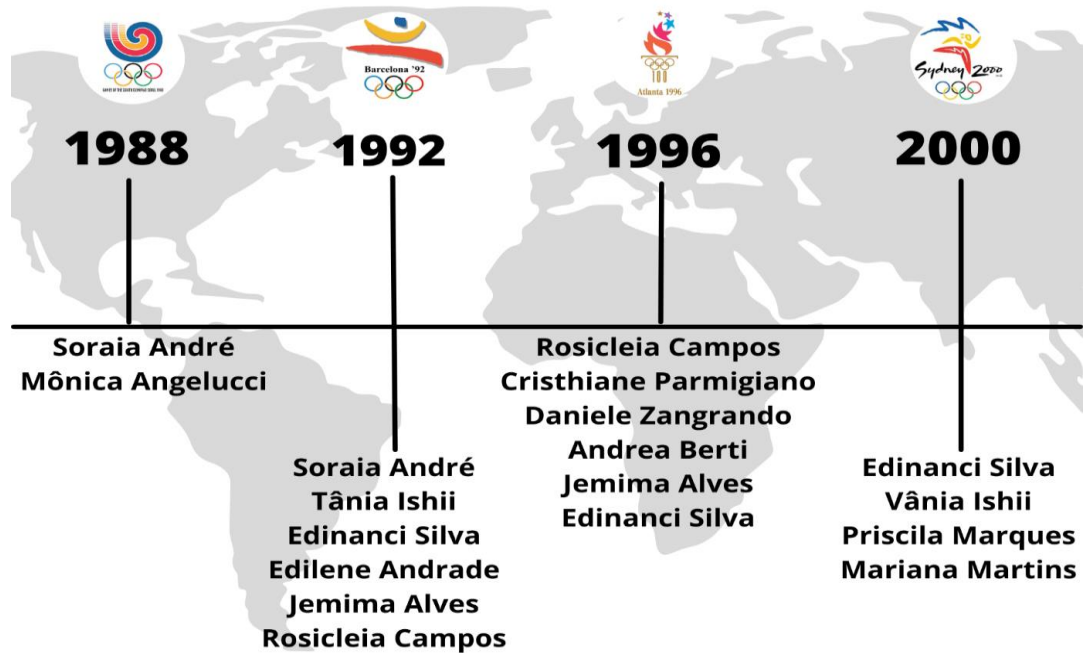
Em outro trecho da reportagem há destaque para o esporte que aos poucos foi “caindo no gosto” dos brasileiros. Pois, mesmo que não atraísse multidões aos ginásios, passou a ser muito querido, desde os anos 1960, entre as famílias. Pôr os filhos para praticá-lo foi e é sobretudo um hábito da classe média, contabilizando no momento da publicação, 2,5 milhões de praticantes no país. Sendo entre esses, 300 mil alunos federados que, portanto, já haviam participado de campeonatos em algum momento da vida. (O JUDÔ FAZ ESCOLA, 2012, p.126).

A revista *Veja*, para reforçar este contexto, traz nomes de clubes “tradicionalíssimos e de renome na preparação de atletas”. E cita nomes como, a Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), que forma anualmente dezenas deles, listando a significativa representação de atletas sul-riograndenses formados pelo clube: os medalhistas de bronze Felipe Kitadai e Mayra Aguiar (O JUDÔ FAZ ESCOLA, 8 ago. 2012, p. 126).

Na Figura 8 apresentamos os dados das judocas que participaram dos Jogos Olímpicos, e o ano de suas participações em Jogos Olímpicos. O início é com as judocas que participaram, no ano de 1988 em Seul, e finda com as judocas que estiveram nos Jogos Rio 2016. A ordem é de participação olímpica, utilizamos a primeira participação como referência, caso haja mais de uma participação, na mesma linha da judoca, estará informação.

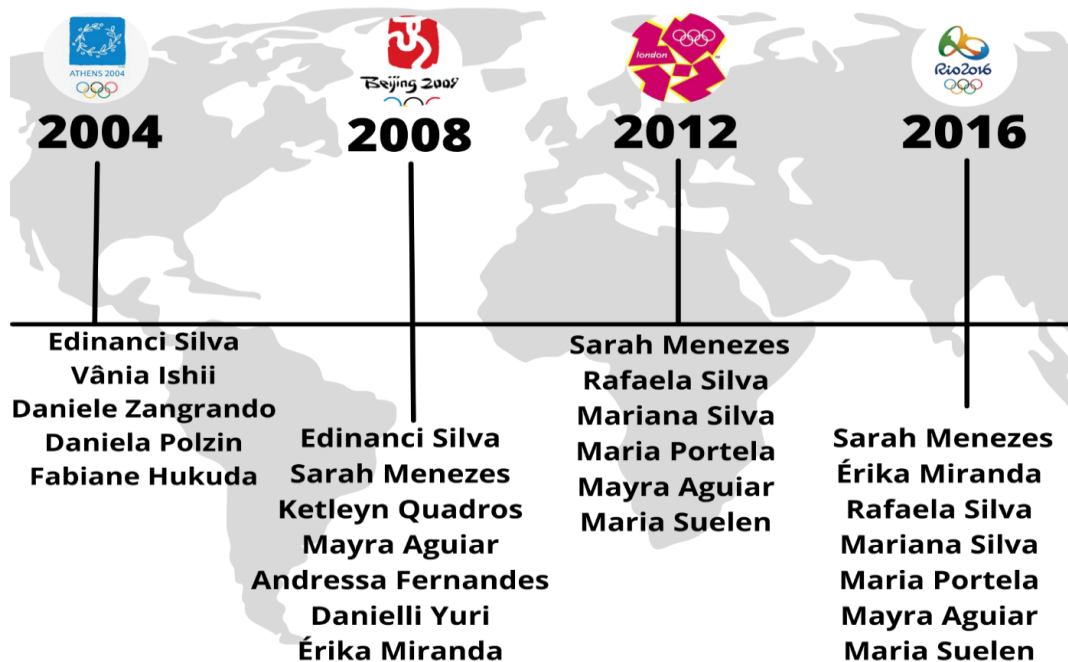
Em sequência apresentaremos Figura 9, com as judocas que estiveram presentes nas edições dos Jogos Olímpicos no início do século XXI, alguns nomes estão presentes nas duas linhas de tempo, pois as judocas participaram múltiplas vezes.

Figura 8 – Linha do tempo de judocas olímpicas de 1988 a 2000.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 – Linha do tempo de judocas olímpicas de 2004 a 2016.



Fonte: Elaborado pela autora.

Tantas vezes são mencionadas as vencedoras, mas se faz necessário registrar aquelas que não venceram ou medalharam na competição, mas venceram a seletiva e conquistaram a vaga nos Jogos Olímpicos. Pesavento (2008), nos fala que a história

cultural visa atingir as representações individuais e coletivas, que a humanidade constrói sobre o mundo, está impelida a resgatar discursos e imagens de representação que incidem sobre espaços, atores e práticas. Tais práticas que acontecem ao serem lembradas, seguem mais a linha emocional que cronológica, não é uma sucessão de fatos, mas a articulação dos diversos agentes e atores envolvidos na sua realização, impregnando-a de características do momento em que ela se sucede, transparecendo em seus desdobramentos.

5 MEMÓRIA ORAL DAS JUDOCAS SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS

Há quatro coisas que ajudam um homem a lembrar-se com facilidade. A primeira é que ele deve dispor aquelas coisas das quais quer se lembrar em uma ordem determinada.

A segunda é que ele deve apegar-se a elas com sentimento.

A terceira é que ele deve convertê-las em similitudes incomuns.

A quarta é que ele deve repeti-las com frequência, meditando-as.

(San Gimignano, liv. VI, cap. XIII. Apud in Yates, 2007, p. 115).

Escolhemos a citação de San Gimignano, pois nos remete a conectar os fatos aqui explorados, pois os quatro pontos elencados para lembrar, estão presentes nas falas dos sujeitos que compuseram esta dissertação. Para que o indivíduo lembre de algo, deve dispor disso em uma ordem determinada. Ao ter isso em ordem, deve ter apego, emoções nessas lembranças, deve torná-las incomuns, fato que torne o indivíduo e sua experiência única, e que deve repeti-la com frequência, meditando-a, refletindo sobre ela seus significados.

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir das informações coletadas, categorizadas e analisadas, as quais resultam em três categorias de análise que doravante são nomeadas: a) Início da trajetória esportiva das judocas; b) O departamento de judô da SOGIPA e a virada na trajetória esportiva das judocas gaúchas; c) Representações das judocas gaúchas sobre os Jogos Olímpicos. Essas categorias são apresentadas nos subtópicos abaixo, com interpretações acerca do objetivo investigado, considerando a revisão bibliográfica realizada e o referencial teórico adotado na pesquisa, conforme segue:

a) Início da trajetória esportiva das judocas

A iniciação esportiva das judocas Mariana Martins e Maria Portela, aconteceram ainda na infância, por intermédio dos pais. Segundo Mariana, os pais acreditavam que o esporte, seja ele qual fosse, era o lugar das crianças. (Martins, 2022). Em tenra idade deram seus primeiros passos, Maria aos 9 anos no projeto social “Mãos Dadas” na cidade de Santa Maria nos anos de 1997 com a professora Aglaia Pavani (Portela, 2022) e Mariana aos 7 anos no clube Lindóia em Porto Alegre com o *Sensei* Cleto Alves Mendes, no ano de 1990.

Dentre as dificuldades vivenciadas por ambas as judocas na década de 1990 a presença escassa de meninas era um ponto em comum mesmo em cidades distintas. Outro ponto em comum das atletas que pudemos extrair das entrevistas,

tanto Mariana quanto Maria, fizeram suas primeiras aulas de judô com kimono (*judogi*)¹⁵emprestado. Para Mariana, isto aconteceu até que os pais tivessem certeza da escolha da filha, mas para Maria era a realidade do projeto social e uma vez que a família não tinha condições financeiras para adquirir o material.

Após o período de iniciação esportiva e as primeiras competições, as judocas afirmaram tanto para elas mesmas quanto para suas famílias o desejo de continuar no tatame. Mariana, no início de sua trajetória esportiva sonhava em ser faixa preta de judô (Martins, 2022), e Maria sonhava em chegar aos Jogos Olímpicos como Mariana (Portela, 2022). Percebemos nesse ponto que os sonhos são diferentes pela realidade de cada época e o fato de ter uma judoca gaúcha disputando os Jogos Olímpicos, foi um fator impulsionador na carreira de outra atleta, mesmo que não houvesse ainda o total conhecimento uma da outra (Portela, 2022). Segundo Alberti (2013), as judocas gaúchas com suas particularidades em suas experiências, são capazes de dizer muito sobre a concepção de valores de um grupo mais amplo, entendemos nesse estudo, como grupo de judocas gaúchas olímpicas.

Superados os primeiros desafios do início da trajetória esportiva, Maria Portela atentou para outro ponto em que precisou ser resiliente, a sua estatura. Por ser a mais baixa da categoria, no judô há o limite de peso corporal, a estatura não é uma variável a ser controlada, Maria já estava na seleção brasileira de judô e tinha dificuldades para vencer as adversárias mais altas, havia cobrança sobre o rendimento dela e com isso ela mudou de categoria, na entrada para a seleção brasileira Maria estava na categoria até 78kg, passou então para a categoria até 70kg onde conseguiu vencer as adversárias com maior estatura e se estabeleceu como titular para as disputas dos Jogos Olímpicos de Londres e Rio.

Mariana credits seu conhecimento técnico de judô ao seu primeiro *Sensei*, o professor Cleto Alves Mendes (*in memoriam*), “Eu posso dizer que eu aprendi o judô com o Cleto, ele me deu a base de todas as técnicas, do *Gokyo*”¹⁶. No clube Lindóia, Mariana iniciou os esportes com a natação, porém em virtude de uma otite, teve que trocar, como não se agradou das opções de ballet e ginástica, foi para o judô, onde foi questionada pelo professor se mesmo sem a presenças de outras meninas gostaria de fazer judô. Percebemos nesta fala do início da trajetória esportiva de Mariana e no

¹⁵ Judogi – roupas de praticar judô

¹⁶ Gokyo – divisão das técnicas de projeção do judô.

convívio com o professor que a sinceridade esteve presente desde os primeiros momentos.

Durante a trajetória esportiva, Mariana ainda destaca a necessidade de conciliar os estudos com os treinamentos, as dores e o cansaço do corpo com o objetivo de fazer o que era necessário para que fosse possível atingir o ponto de excelência técnica. O “desafio diário”, era treinar no limite do corpo, esse desafio também acontecia no campo psicológico. Na época de Mariana, ela enxerga o esporte como mais “amador”, tanto a parte da preparação como as questões de recursos financeiros. Maria traz um ponto em comum, que mesmo em 2011 a questão do planejamento ainda não estava bem estruturada, havia vários lugares onde poderia treinar em São Paulo, mas não havia planejamento de como e onde fazer isso e ainda tinha a questão da locomoção que se apresentava como um grande desgaste.

Maria Portela e Mariana Martins ao longo da sua trajetória esportiva, passaram por outros locais de treino e representaram cidades e clubes em competições regionais e nacionais dentre essas cidades estão Criciúma, Florianópolis, Joinville, São Paulo, Rio Claro e o Minas Tênis Clube de Minas Gerais

b) O departamento de judô da SOGIPA e a virada na trajetória das judocas

A saber a Sociedade Ginástica Porto Alegre, SOGIPA, foi a primeira associação fundada em Porto Alegre, pelos teuto brasileiros no ano de 1867, oferecia além da “ginástica de aparelhos” (atual ginástica artística), a corrida, a esgrima, jogos, entre outras práticas. A SOGIPA, durante os primeiros anos de existência, também incentivou o tiro ao alvo. (MAZO, 2003; MAZO, PEREIRA, 2013; HOFMEISTER, 1987). O associativismo esportivo disponibilizado pela SOGIPA foi caracterizado em seus primórdios por ser um espaço social onde era possível aos cidadãos teuto brasileiros representar e reviver os costumes culturais. (MAZO, 2003). O clube desde a sua fundação é um local de iniciação e preservação dos esportes, sendo o esporte um fator contribuinte para a criação da identidade social.

O departamento de judô deu início a suas atividades entre 1967 e 1968, sob comando do professor japonês Shunji Inata e contava com um bom número de judocas entre homens e mulheres. (PEREIRA, 2022). O livro de Hofmeister (1987), data de setembro de 1968 a inauguração do departamento sob comando do referido professor japonês, apresenta que tal feito aconteceu sob a demanda dos associados.

Ao longo das investigações sobre as atletas olímpicas, o técnico e o clube, nos deparamos com a dualidade de informações sobre o início das atividades do departamento de judô do clube Sogipa. Por indicação do *Sensei* Kiko, contatamos Sérgio Zimmerman, judoca sexto dan¹⁷, faixa koral, que ao longo da entrevista concedida nos esclareceu os detalhes.

O departamento de judô da Sogipa começou no segundo semestre de 1967, disso eu tenho plena certeza, pois sou nascido em 1957, e em julho de 1967 eu completei 10 anos e como presente eu ganhei a matrícula no judô da Sogipa. As aulas começaram ali por final de agosto e início de setembro. Teve uma apresentação na pista de atletismo, com....acho que eram umas lonas, nem era tatame. (SÉRGIO ZIMMERMAN, 2022).

A fala de Sérgio Guido Zimmerman traz luz ao fato que por muitos judocas ainda era uma dúvida, pois se ele ganhou a matrícula ao completar 10 anos em julho de 1967, entendemos que as atividades tiveram ali seu início, não restando dúvidas sobre o início das aulas para associados. Abaixo apresentamos as duas fotos (Figura 10 e Figura 11) cedidas pelo entrevistado sobre a apresentação na pista de atletismo. Na Figura 10, percebemos no público a presença de crianças e adultos assistindo com atenção a demonstração, há um homem de *judogi* e faixa preta à direita, segurando no *judogi* do colega que aparentemente não é faixa preta.

Figura 10 - Demonstração de judô na pista de atletismo da SOGIPA em 1967



Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman.

¹⁷ Dan – grau, indica tempo de prática dentro do judô.

Na sequência apresentamos a segunda foto (Figura 11), nesta percebemos a presença de uma mulher de *judogi* com faixa que não é preta, segurando pela manga seu oponente que está caído sob material que representa o tatame de um *dojô*, mas que segundo nosso entrevistado era somente uma lona sobre a grama da pista de atletismo. Os associados demonstram atenção, estão com vestes sociais e há no lado esquerdo da figura uma mulher trajando saia e casaco social observando a judoca.

Figura 11 – Mulher demonstrando judô na pista de atletismo da SOGIPA em 1967



Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman.

De posse das imagens e informações de quem viveu os primórdios do departamento de judô da SOGIPA momentaneamente sanamos as dúvidas sobre a dualidade das informações. Recebemos ainda outro registro imagético (Figura 12), desta vez sobre a primeira competição de judô na SOGIPA, essa sim no ano de 1968. Nesta recordação estão presentes o *Sensei* Inata a direita da figura com terno e gravata, a esquerda seu auxiliar Flecha Ligeira, e ao centro os alunos, ao fundo da figura, com uma linha sobre trajada está Sérgio Guido Zimmerman, não conseguimos precisar o número de crianças na figura, podemos supor que tenham entre 7 a 10 anos, em sua maioria meninos.

Figura 12 - Competição de judô Infantil na SOGIPA em 1969



Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman.

A premiação desta competição gerou uma relíquia para as memórias de Sérgio, uma pequena medalha, que apresenta após o passar dos anos a cor prateada e mantém as gravações de “Camp. Inf. Vice, P.A, Ab 69” que significam Campeonato Infantil, Porto Alegre, abril de 1969.

Figura 13 - Medalha do Campeonato Infantil em Porto Alegre em abril de 1969



Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman.

Ao completar o seu centenário a Sociedade Ginástica Porto Alegre, ampliava sua oferta de atividades esportivas de acordo com a solicitação dos associados. (HOFMEISTER, pág. 115, 1987). Diante disso percebemos que a procura pelas aulas de judô ajudaram a estruturar o departamento dentro do clube, no ano seguinte, portanto, observando as palavras de Sérgio e os documentos, concluímos que as aulas começam em 1967 e o departamento é oficialmente divulgado em 1968.

Sérgio conta que teve um hiato na sua trajetória esportiva dentro da SOGIPA, em 1971 ele teve um acidente e em decorrência ficou afastado do judô, e que ao retornar vai para o clube Lindóia sob tutela do *Sensei* Cleto Alves Mendes, onde permanece treinando até 1975. Retorna à SOGIPA a convite do *Sensei* Francisco Vargas Neto, que formulava uma equipe de competição e futuros professores juntamente com *Sensei* japonês Naoshige Ushijima. O mesmo convite foi feito a outros jovens judocas promissores como Alexandre Velly Nunes.

Alexandre foi atleta, auxiliar do *Sensei* Nao e após concluir a graduação em Educação Física, passou a fazer parte do quadro de funcionários do clube a partir de 1980, cargo que ocupou até 1992. Um destaque feito por Sérgio e corroborado por Alexandre é que nesta equipe que foi formada pelos professores Francisco e Nao, o ponto forte era o intercâmbio de atletas e informações, com treinamentos abertos no clube e por vezes os atletas da SOGIPA visitavam outros *dojô* a fim de melhorar seu repertório técnico e competitivo.

Como a prática de intercâmbio era frequente e motivado pelo *Sensei Nao*, Alexandre Nunes buscou fazer uma viagem ao Japão, para estar no berço do judô e aprender mais sobre o esporte. Após muitas conversas com a direção do departamento de judô da SOGIPA na época, chegaram a um acordo, de que Alexandre faria a viagem como um investimento do clube, e ao retornar iria aplicar esses conhecimentos. Para que isso fosse possível, Alexandre precisou de um substituto, após a conversa com Seu Pereira, resolver atender ao pedido e chamou o filho dele para atuar primeiramente como seu estagiário. O nome do filho de Seu Pereira é Antônio Carlos de Oliveira Pereira, o Kiko, que após o retorno de Alexandre, também passou a fazer parte do quadro funcional da SOGIPA, em 1º de agosto de 1987.

Conforme acertado antes da viagem, Alexandre Nunes retorna ao clube para comanda a equipe principal de competição da SOGIPA e aplica os conhecimentos que acumulou no período em que esteve no Japão. Treinos em turnos, pela manhã parte de condicionamento físico, descanso. Pela tarde treinamento técnico. Pela noite, treinamento específico de competição com bom número de *randoris*.

Kiko era responsável pelas turmas de iniciação e participava dos treinamentos, modelo que aprendeu e ao assumir a equipe principal manteve a estrutura intensa de treinos e adicionou pontos que achou pertinente. Aumentou a equipe multidisciplinar, buscou por apoio de empresas e patrocinadores, publicou amplamente os resultados de seus atletas, demonstra ao longo dos anos uma capacidade de trabalho praticamente incansável, perseverante, otimista e um visionário que planeja e trabalha pelos seus objetivos e de seus atletas.

O departamento de judô juntamente com outros departamentos esportivos, tem o Projeto Olímpico, que visa a prospecção e desenvolvimento de atletas para que possam vir a participar de grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos (SOGIPA, 2022). Este projeto Olímpico ampara-se na Lei de Incentivo Fiscal nº 11.438/06 a qual os contribuintes, tanto pessoa física quanto jurídica, podem direcionar de 1% a 6% do Imposto de Renda para fomento às práticas esportivas formais e não formais.

Diante do exposto, reconhecemos que as atletas, em momentos distintos, fizeram parte de um projeto maior do clube, com aspirações que possibilitaram sonhar alto, bem como trabalhar duro. Segundo Pereira, o *Sensei Kiko*, Mariana e Maria “pegaram” épocas diferentes de um projeto Olímpico. Mariana fazia parte de um grupo

jovem, onde a aposta do clube e do técnico era de que alguns daqueles jovens estariam na delegação dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000. Mesmo sem ser a favorita da categoria, foi Mariana que teve a oportunidade de representar o grupo.

Anos mais tarde e com o projeto Olímpico consolidado no departamento de judô, Maria Portela chega a SOGIPA e em rápida caminhada, consegue validar sua ida aos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Recordamos aqui que no ano de 2012, a SOGIPA pelo segundo ciclo olímpico consecutivo enviou 3 judocas aos Jogos, como bem lembra o *Sensei*, fomos a Pequim 2008 com João Derly, Mayra Aguiar e Tiago Camilo (Figura 14). Em Londres 2012, foi a Maria Portela, a Mayra e o Kitadai, feito que se repetiu em Rio 2016, com os mesmos atletas de 2012. (Pereira, 2022).

Figura 14 – Judocas do Projeto Olímpico SOGIPA Pequim 2008



Fonte: arquivo pessoal do técnico Antônio Carlos Pereira – Kiko.

As judocas Maria e Mariana, foram formadas em clubes distintos, em épocas diferentes, mas chegaram ao mesmo clube para uma virada ou amplitude na trajetória esportiva. Segundo Nunes (2014), a SOGIPA é um “clube patrocinador”, ou seja, não forma os atletas em base, com raras exceções, mas oferece a quem chega à estrutura, o suporte financeiro, equipes multidisciplinares como fisiologistas, preparadores físicos e psicológicos, suporte esse que demonstra importância ao galgar o caminho das grandes conquistas.

No tocante as participações em Jogos Olímpicos, questionamos a judoca Maria Portela sobre suas conquistas e como foi a experiência de participar dos Jogos

Olímpicos de Pequim em 2008. Cabe mencionar que tal informação foi encontrada no livro “Atletas Olímpicos Brasileiros” de Rúbio (2015). Entretanto, a judoca em seu depoimento oral relata que não foi a essa edição, pois sua primeira classificação para os Jogos Olímpicos aconteceu para a edição de 2012; inclusive, este fato se repetiu para a edição de 2016. Conforme a atleta estes feitos aconteceram por aposta e “compra do sonho” junto ao departamento de judô da SOGIPA.

Mariana chegou em 1996, após ter participado de uma série de treinos abertos, pois o clube recebia naquele ano um professor japonês. (NUNES, KOLMANN e SHOURA). Maria chega em 2011, como uma aposta do *Sensei* Kiko e do departamento de judô do clube.

Mariana era uma jovem de 14 anos que estava em ascensão no esporte, chegou na SOGIPA e sentiu a mudança no ritmo de treinamento, onde passou de praticante de escolinha para uma atleta, com compromissos maiores e o sonho de ser faixa preta se tornou apenas uma parte do caminho da então atleta que tinha como objetivo as competições.

Não era só três vezes por semana, que era como escolinha. Aí, já virou uma coisa mais de segunda a sexta, todos os dias, o treino mais puxado, o tatame maior, o coletivo maior. Então, indo para a SOGIPA já mudou bastante o como eu via o esporte. (MARIANA MARTINS, 2022).

Participar de competições não era novidade para Mariana, durante a entrevista ela nos contou que desde seus 11 anos de idade esteve em campeonatos brasileiros. Na modalidade do judô o Campeonato Brasileiro é dividido por faixa etária, respeitando as idades dos praticantes, colocando na nomenclatura atual, aos 11 anos Mariana participou de campeonato brasileiro sub 13 ou infante juvenil. Logo em seu primeiro ano no clube SOGIPA e sob tutela do *Sensei* Kiko, a judoca contou de seu primeiro campeonato brasileiro na categoria adulto, como foi marcante, visto que ela ainda era jovem, tinha 14 anos, pertencia à classe juvenil, atual sub 18, que permite aos atletas lutar em categoria de idade superior.

Então, eu vejo como a mais importante porque eu acho que foi o divisor de águas. Eu estava com quatorze anos e disputei um campeonato adulto e ganhei o campeonato. Então, foi uma coisa que “abriu as portas”, dizendo: “olha, é capaz, é possível”.(MARIANA MARTINS, 2022).

Aposta feita, resultado conquistado e Mariana juntamente com seu técnico começaram a planejar como seria a trajetória esportiva, ajustando os treinamentos, mesmo que na década de 1990 ainda não houvesse uma estrutura e periodização, entre treinos físicos, técnicos-táticos e específicos. Com a conquista do título do

campeonato brasileiro e as possibilidades de maiores conquistas, era só a questão de lapidar o talento.

Sensei Kiko fala que mesmo antes de Mariana, ele já tinha treinado Alexandre Garcia, atleta gaúcho que passou por São Paulo e por indicação do técnico voltou a SOGIPA em para disputar e conquistar a vaga aos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996.

O Alexandre Garcia, que foi um atleta formado no Rio Grande do Sul, mas foi um atleta que foi pra São Paulo e, depois de um período muito curto de dois anos, retornou a SOGIPA, que tinha recebido um patrocínio realmente bastante considerável, acabou trazendo ele. Então, não posso dizer que o Alexandre tenha sido fruto de um trabalho, de um treinador, no Rio Grande do Sul naquele momento. Então, na época eu indiquei o nome dele, pra ele vim para tentar a vaga olímpica. Deu certo, elaboramos um programa, ele fez algumas viagens, mas eu não fui o cara, eu não me considero o cara que treinou ele, que no dia a dia alimentava ele. (ANTONIO CARLOS PEREIRA, 2022).

Tendo acumulado experiência de aposta e conquista de vaga na seleção Olímpica, Kiko conta que com Mariana foi diferente, havia um projeto olímpico e mesmo que Mariana não fosse a favorita da categoria, havia um planejamento de competições em que a equipe da SOGIPA participaria e tentaria colocar um de seus atletas, na época a equipe jovem do clube contava com Taciana Lima¹⁸, João Derly¹⁹, Moacir Mendes Júnior²⁰. Essa equipe jovem e talentosa, segundo o *Sensei* Kiko, teve seu planejamento de treinamento e competitivo estruturado um ano antes, foi o objetivo comum da equipe de ter bons resultados, que deu a Mariana a oportunidade de ir aos Jogos Olímpicos de Sidney 2000.

A equipe, o ritmo intenso de treinamentos, a competitividade por resultados, o espírito visionário e perseverante, do *Sensei* otimista, são fatores que contribuem para as conquistas das atletas e do clube “apesar de ser um esporte individual, a gente depende do coletivo”, Mariana ressalta que ela foi a representante do coletivo, que a conquista dela tem um pouco de muitos, que por vezes iam de ônibus e passavam o dia inteiro no clube para ajudar no treino.

Maria Portela reitera a importância do grupo forte, “ali não tem um só, são vários, então todos trabalham, tem um trabalho em comum, todos se ajudam... o treino é muito competitivo, o tempo inteiro”. Sobre a questão da competição interna, Maria

¹⁸ Taciana Lima, judoca que se naturalizou pela Guiné Bissau e disputou dois Jogos Olímpicos (2016 e 2020).

¹⁹ João Derly, bi-campão mundial de judô em 2005 e 2007, e participou dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008

²⁰ Moacir Mendes Júnior, multi campeão no Jiu Jitsu e técnico de *Ne Waza* da seleção brasileira de judô nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

falou que não é sobre quem ganha a luta, mas quem faz os exercícios no menor tempo possível, maior número de repetições, quem cansa menos.

Sobre esse ritmo forte e competitivo, Maria Portela relata que chegou no clube SOGIPA em 2011, embora o *Sensei Kiko* já estivesse em contato com ela um ano antes, em meados de 2010. Quando passou a compor a equipe, Maria estava na 32ª posição do ranking mundial, sendo este o meio de qualificação para os Jogos Olímpicos, diferente de Mariana Martins que participou de diversas seletivas, na década de 2010 a pontuação em competições do circuito mundial é que definiriam quem poderia estar disputando a vaga olímpica.

Eu estava muito desacreditada, tanto que eu era a 32ª do ranking e eu não tinha suporte, não tinha pessoas que estivessem comigo e acreditassem comigo mais. Então, quando eu fui pra SOGIPA foi uma das coisas que eu disse a eles: “se vocês acreditarem e me apoiarem eu vou lutar os Jogos Olímpicos de Londres”. E, de fato, eu consegui, porque além da estrutura do clube, eles acreditaram, apostaram em mim. Então, o trabalho foi direcionado, foi planejado e deu certo. Cheguei a 8ª colocação no ranking mundial, fui cabeça de chave. Foi uma virada muito grande na minha trajetória quando eu fui para a SOGIPA. (MARIA PORTELA, 2022).

Acreditar nas pessoas, nos seus sonhos e ter um grupo forte, abnegado, faz com que todos cresçam, esses são os fatores mencionados por Mariana e Maria, e confirmados pelo técnico. Estar em um clube vencedor, com tantos campeões em diversos segmentos e seguidamente faz com que o atleta que ali está, se entregue aos treinos, aos sonhos do departamento e do clube, o grupo todo se fortalece e cresce. A condução desse grupo forte, é realizada com maestria pelo *Sensei Kiko*, profissional dedicado, visionário, perseverante e otimista como já mencionado pelas suas pupilas, elementos técnicos e táticos e pitadas de competitividade estão entre os pontos que fazem do técnico uma peça-chave dentro do clube e “peça-chave para que a SOGIPA seja a potência que é, em termos de resultados e atletas olímpicos”. (PORTELA, 2022).

Sentido ou em sentido, é algo que tem a ver com as palavras. Pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou argumentar, mas sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2002).

Após ter recebido o apoio, suporte e crédito necessário, Maria Portela atinge seu objetivo, e isso dá sentido a todo que lhe acontece. O embarque para Londres 2012, neste registro imagético (Figura 15) estão os atletas Mayra Aguiar, Felipe Kitadai, Maria Portela, o técnico Kiko junto dos atletas de apoio. Para manter o ritmo

de treino e ajudar na aclimação os judocas levaram os companheiros que eram fortes e manteriam o clima do clube.

Figura 15 - Embarque para Londres 2012.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Portela.

A virada na trajetória esportiva das atletas deste estudo tem um ponto comum, a chegada na SOGIPA, e é representada pelo treinador, segundo palavras de Mariana, “Eu aprendi judô com o Cleto, o Kiko me transformou em atleta, eu virei atleta quando fui treinar na SOGIPA”. Pelo relato de Maria, sem o apoio e a aposta do treinador talvez ela não teria conseguido ir aos Jogos de Londres 2012, “ele tem um *felling* diferente, sabe? Não sei te explicar”.

Planejamento, organização, estrutura e investimento, este somatório de fatores, constituem o que para alguns pode ser o segredo ou a variável da SOGIPA em participações olímpicas.

A SOGIPA hoje, se transformou no clube do Brasil com o maior número de medalhas olímpicas né, e já era o clube com o maior número de campeões mundiais, então, são dois marcos bastante importantes. Em 2000 foi um projeto, uma dificuldade que foi muito grande, totalmente sem recurso. Foi em um cenário também muito difícil. Nós conquistamos, em função do título de 2005 do João Derly, nós já conquistamos alguns patrocínios, alguns apoios, e aí nós conseguimos então, viabilizar o projeto. E o projeto cresceu muito. Em 2008 fomos com três atletas, 2012 com três atletas, em 2016 com três atletas. Então, é um somatório de coisas, é investimento, não posso negar. (ANTÔNIO CARLOS PEREIRA, 2022).

Os patrocínios chegaram até o clube, pelas relações estabelecidas ao longo dos anos pelo Kiko e os demais professores, ex-judocas da SOGIPA que ocupam

cargos de liderança em empresas de grande porte foram importantes nessa construção. (NUNES, 2022). No decorrer da fala de Kiko, destaca-se que o patrocínio viabiliza o projeto olímpico, mas que tal ação depende dos resultados dos atletas. Abaixo temos a foto (Figura 16) do momento da renovação de contrato com empresa parceira do projeto olímpico, o presidente da OI, Eurico Teles com a medalha de Mayra Aguiar, junto na foto temos Felipe Kitadai e o membro da SOGIPA.

Figura 16 - Renovação de contrato com a OI



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Carlos Pereira.

Até a edição dos Jogos Olímpicos de Rio 2016, a SOGIPA tinha somado 11 participações de seus judocas, sendo 5 no masculino e 6 no feminino, como bem nos apresenta o relato detalhado do *Sensei Kiko*, que conta cada participação, mesmo que seus atletas repitam o feito, como no caso de Maria Portela (duas vezes), Mayra Aguiar (três vezes), Felipe Kitadai (duas vezes), Alexandre Garcia, Mariana Martins, João Derly, Tiago Camilo, ambos com uma participação olímpica.

c) Representações das judocas gaúchas sobre os Jogos Olímpicos

A conquista de Mariana para disputar os Jogos Olímpicos de 2000 aconteceu enquanto ela ainda frequentava o ensino médio, ela relata que os colegas “guris” adoravam ter uma amiga judoca, mais ainda classificada para um evento importante. Teve também repercussão na mídia local, além dos treinos Mariana teve que conciliar a escola e concessão de entrevista.

Diretamente do seu arquivo pessoal temos a foto compartilhada abaixo, de Mariana segurando a Tocha junto a um dos voluntários na condução da Tocha Olímpica, durante o período de aclimatação na Austrália, na cidade de Canberra, junto na foto está Vânia Ishii logo atrás.

Figura 17 - Mariana Martins com a Tocha Olímpica e voluntário.



Fonte: Arquivo pessoal de Mariana Martins.

Em sua trajetória nos Jogos Olímpicos, Mariana recorda que chegou na Austrália, um mês antes, para a aclimatação, ajustar a questão de fuso horário, alimentação e peso. A ida para a Vila Olímpica aconteceu dois dias antes da competição, por causa do rodízio de atletas da delegação brasileira.

A competição em si, questionamos Mariana sobre sentir pressão de estar nos Jogos Olímpicos, ela diz que foi tudo muito rápido, foi para a arena no dia de competir, entrou na área de aquecimento e logo em seguida foi para área de competição para “a hora do vamos ver”. Ainda que para alguns atletas seja necessário conhecer a

arena de competição antes, ou até mesmo a diferença de estrutura pode impactar no desempenho, Mariana demonstra grande concentração e foco. *“Cheguei na arena para pisar no tatame na hora da luta. Depois que entrou na área de competição, eu consegui anular o todo, me concentrei, pois, estava ali lutando com alguém”*.

A conquista de Mariana para disputar os Jogos Olímpicos de 2000 aconteceu enquanto ela ainda frequentava o ensino médio, ela relata que os colegas “guris” adoravam ter uma amiga judoca, mais ainda classificada para um evento importante. Teve também repercussão na mídia local, além dos treinos Mariana teve que conciliar a escola e concessão de entrevista.

Em outro momento da fala ela destaca que participar de competições a nível nacional desde os 11 anos, foi um dos fatores que a deixou confortável nos combates, pois já estava acostumada a estar no ambiente de prova. *“Sempre que eu entrava no tatame, eu conseguia anular o que estava à minha volta, para mim era uma lua, como outra qualquer.”* Ao recordar sobre os combates na arena olímpica, um contra a judoca alemã e outro a atleta belga, ambos com resultados desfavoráveis, Mariana Martins reconhece que aos 17 anos não lhe faltou vontade ou preparação, mas sim experiência no circuito mundial, experiência de como a arbitragem avaliava a pontuação. As duas atletas que obtiveram êxito sobre nossa judoca, ficaram com a medalha de bronze. As lutas foram duras, foram lutas “que dava pra ganhar, se tivesse mais contato com competições internacionais, era uma coisa possível, viável”.

Sobre o desempenho, por não ser a favorita, não sentiu grande peso ou frustração pelo seu resultado, 7ª colocação na categoria até 48kg. Quando questionada sobre o sentimento, ela relembra que ficou feliz e em nenhum momento pensou que estava entre as 10 melhores judocas do mundo na sua categoria. Mariana demonstra grande senso de humildade, um dos valores de todos os judocas, *“tu sabes que eu nunca pensei nisso, do estar entre os melhores, eu fiquei em sétimo, está lá a relação do COB e tal, ah que legal...”* Mariana relata que estar disputando os Jogos Olímpicos foi uma realização e uma conquista pessoal, foi uma experiência e uma conquista, depois disso ela virou a página e buscou outros desafios.

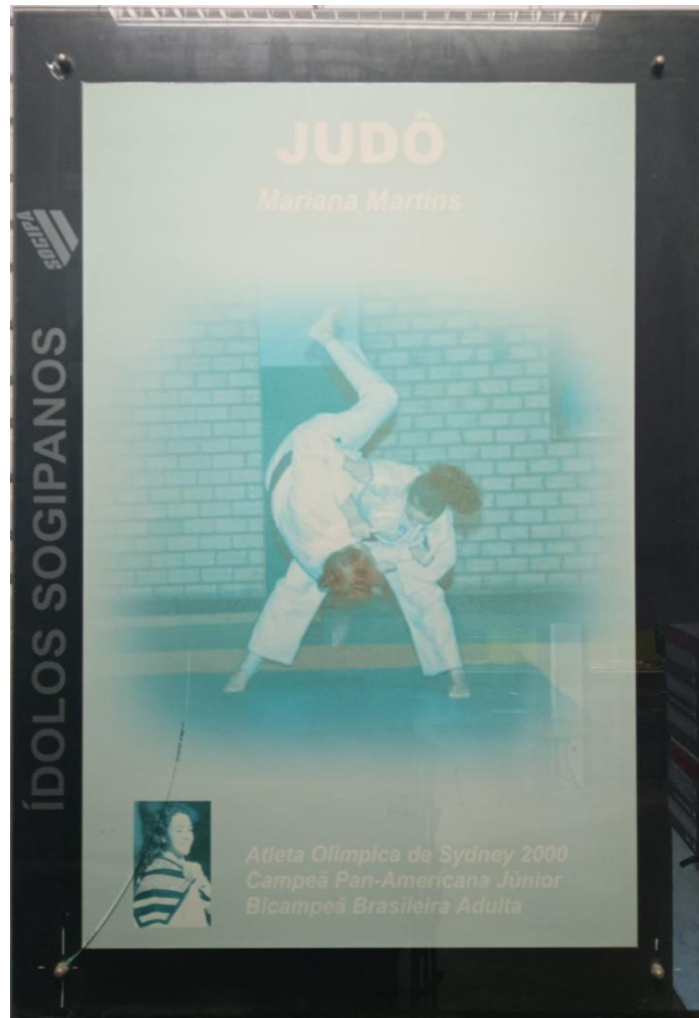
A ida de Mariana aos Jogos Olímpicos de Sidney 2000 foi uma construção coletiva, o resultado de um projeto, segundo Pereira (2022). Ela foi primeira judoca com esse resultado, o que influenciou outras meninas, como Maria Portela em sua entrevista recorda de ter assistido Mariana *“eu tenho gravado na minha memória a*

figura dela lutando, o fato dela ser gaúcha, a primeira mulher gaúcha judoca a ir para uma olimpíada". (MARIA PORTELA, 2022).

Percebemos a influência e o fomento a prática esportiva, o desejo de estar no mesmo lugar, entendemos que o fato de Mariana ter representado o país em um evento mundial incentivou outras gaúchas a desejarem isso, mais especificamente outra judoca gaúcha desejou isso. Tal feito representou uma abertura de possibilidades para as atletas e para viés sócio-cultural um marco, uma nova era, visto que anos mais tarde a presença de judocas gaúchas vestindo o uniforme brasileiro em Jogos Olímpicos teve aumento e conquista de medalhas.

Uma das representações desse momento proporcionado pela Mariana Martins encontra-se até hoje nas paredes do clube, um pôster da judoca em momento de treino, projetando uma colega. Na Figura 18, está descrita sua participação nos Jogos Olímpicos e o título de campeã Pan Americana na categoria júnior e Bicampeã Brasileira Adulta. Segundo Mariana este pôster tem quase seu tamanho real. A moldura desta figura está indicando "Ídolos Sogipanos".

Figura 18 - Mariana Martins em quadro Ídolos Sogipanos



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Conforme a fala de Maria Portela, foi influenciada por Mariana a querer estar em Jogos Olímpicos e percebeu que a SOGIPA seria o clube que possibilitaria essa conquista. Quando questionada sobre suas participações olímpicas e no retorno para casa, Londres 2012, Maria relata que foi muita acolhida pelo clube, pelos colegas, porém a imprensa, cobrou dela a conquista de medalhas, pois ela foi a Londres como “cabeça de chave”, havia subido no ranking mundial, era uma das apostas de medalha naquela edição e os dois colegas de clube haviam conquistado medalhas.

... em relação à mídia, não foi legal porque, como eles (Mayra e Kitadai) eram os medalhistas, meio que apagou minha participação, sabe? Minha percepção, tá? A maneira como eu me senti. Eu me lembro que no caminhão de bombeiros, o fotógrafo só faltou me dizer assim: desce lá e vai lá vibrar por eles. Foi muito mal educado, eu me senti muito mal, mas em relação ao clube, em relação aos meus colegas, a minha família, a todas as pessoas em si, eu fui muito abraçada. (MARIA PORTELA, 2022).

Segundo Todt (2016), uma das representações mais enaltecida pelos atletas que têm a oportunidade de representar o país em uma edição de Jogos Olímpicos está em participar, realizar um sonho, conquista de muitos anos, visto que é um objetivo de muitos atletas durante a trajetória esportiva. Percebemos que nossa entrevistada, alcançou um de seus objetivos traçados para sua trajetória esportiva, mas como o resultado não foi o esperado, a mídia não valorizou seu empenho e dedicação.

Sobre estar nas instalações Olímpicas, Maria nos traz suas memórias de êxtase, alegria, euforia e adrenalina. O encontro com atletas de outras modalidades esportivas “os grandes”, em seu depoimento oral, a judoca gaúcha traz a memória de entrar na Vila Olímpica e a primeira pessoa pela que cruzou seu caminho foi Michael Phelps, ela teve a sensação de deslumbramento. Neste ponto, Maria Portela faz um pequeno salto para a edição dos Jogos de Rio 2016, onde passada a euforia de estar entre “os grandes”, ela reencontra Michael Phelps, e nesta passagem, registra o encontro com a foto (Figura 19) que apresentamos abaixo.

Figura 19 - Maria Portela encontra Michael Phelps no parque olímpico.



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Portela.

Semelhante a participação de Mariana, a passagem de Maria Portela pela Vila Olímpica em Londres 2012, junto ao Time Brasil, respeitou o rodízio e por uma questão de manter o foco, a judoca comenta que se conseguisse entrar antes nesse ambiente, talvez tivesse ajudado a melhorar as sensações, porque já não teria o baque da primeira vez, e já estaria mais ambientada.

Eu cheguei um dia antes, pesei e no outro dia já fui competir...no momento eu me lembro que pensei em toda minha trajetória, mas isso acabou sendo um pouquinho pesado, porque quando eu subi na área olímpica, me deu um branco total, eu apaguei. Eu acho que fiquei muito nervosa e não consegui administrar o sentimento. (MARIA PORTELA, 2022).

A primeira participação, percebemos pelas falas das atletas é impactante, pois segunda elas, é a realização de um sonho e a concretização dos objetivos esportivos. Para Maria, estar competindo em um *shiai-jo*²¹ elevado, com uma única categoria de peso no dia, eleva o nível da pressão sobre os atletas "... a arena dos Jogos Olímpicos é elevada, então eu acredito que isso deu uma pressão um pouquinho maior, quando e desci que eu realmente voltei, a perceber que tinha lutado..."

A representação social se apresenta de acordo com as experiências de cada atleta e com as especificidades de cada modalidade esportiva. (TODT, 2016). Após a experiência de Maria Portela não ter culminado na conquista que ela tinha colocado como meta, pois era um desejo pessoal e a trajetória esportiva em crescente mostrava ser possível, ela volta com sentimento de ser abraçada pela família, clube e amigos, porém o mesmo não acontece pela mídia. Ela renovou os objetivos para o novo ciclo olímpico e ao disputar o Campeonato Mundial que aconteceu no Rio de Janeiro (2013), recebeu do bi-campeão mundial o apelido de "Raçudinha dos Pampas".

Em 2013 eu fiz uma luta com a que era atual campeã Olímpica Lucy Décosse, francesa. Uma luta disputadíssima, e aí ele falou na TV, que eu era a 'raçudinha dos pampas' e ficou, pegou o apelido. Eu realmente gostei porque sou mesmo uma atleta que demonstra a vontade de vencer, uma entrega aos treinos, aos meus objetivos, dentro e fora do tatame, esse apelido é porque sou gaúcha, eu sinto que me representa mesmo, sabe. (MARIA PORTELA, 2022).

Apelido novo, ciclo olímpico novo e a esperança renovada para os Jogos do Rio 2016, não era necessário ranqueamento internacional, mas de performance

²¹ Shai-jô – área de competição de judô.

dentro da seleção brasileira, pois o país sede tem direito de ir com a equipe completa, a atleta brasileira até 70kg com a melhor performance ficaria com a vaga, e Maria Portela conquistou a vaga na competição no Japão, Grand Slam de Tóquio ao subir em terceiro lugar no pódio. Resultado inédito na carreira, subir no pódio de Tóquio, garantiu a Maria alegria representada na foto (Figura 20) com a medalha da competição.

Figura 20 - Maria Portela e a medalha de bronze do Grand Slam de Tóquio 2015.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela.

A segunda vez representando o país nos Jogos Olímpicos mais especial pois “foi em casa”. Já tendo a experiência de 2012, Maria Portela chegou ao Rio 2016 com tranquilidade, sabia o que era necessário para alcançar os pontos mais altos na trajetória esportiva e estava preparada para fazer o melhor. Outro fator que é apontado na entrevista foi a presença da família, da torcida, dos amigos, pontos que ajudaram na questão emocional. Sobre os pontos específicos de performance, estar em casa, no mesmo fuso horário, alimentação, ajudaram a tranquilizar toda a equipe.

Surreal a sensação de passar a caminho da área, a adrenalina, eu fiquei toda arrepiada. Foi indescritível, mágico, e eu estava preparada para aquele momento, porque eu sabia que ia ter toda aquela energia, todo mundo gritando meu nome naquele momento, eu me preparei. Eu estava tranquila, estava segura. (MARIA PORTELA, 2022).

Percebemos que a experiência descrita pela judoca gaúcha Maria Portela é aquilo que lhe acontece e ao lhe acontecer, foi capaz de transformar, com isso

constituiu uma marca, uma parte da sua personalidade, e com isso se converteu em algo a mais, algo que lhe ajudou a dar sentido a sua trajetória esportiva. (LARROSA, pág. 48, 2022).

Preparada, tranquila e segura, após a primeira participação a experiência ajudou Maria, já sabia que lutaria em *shiai-jô* elevado, sabia como era estar na vila olímpica, conhecia as adversárias e tinha estratégia para cada uma, de fato ganhou a primeira luta. Foi sua primeira vitória não só na edição do Rio 2016, mas a primeira vitória em Jogos Olímpicos. Abaixo temos a foto (Figura 21) da primeira vitória de Maria Portela sobre a atleta do Marrocos Assmaa Nian, cheia de energia e vontade.

Figura 21 - Maria Portela vence atleta Assmaa Niang.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela.

Ao seguir na competição, em uma luta que se manteve empata, “a derrota veio por uma atitude”, Maria quis decidir a luta, foi com vontade para jogar a adversária, a luta já estava no *Golden Score* qualquer ponto definiria quem continuaria na competição, a busca foi intensa, porém intensa demais que gerou uma punição que encerrou a luta e a participação em Jogo Olímpicos.

Ser abraçada, ter suporte, tanto dos colegas de seleção quanto da equipe de técnicos foram os pontos relatados por Maria ao não ter atingido seus objetivos nos Jogos Olímpicos, e isso a fez se sentir bem, acolhida e pertencente ao grupo. Temos a foto (Figura 22) de um desses momentos, após a derrota para atleta da Áustria no

Golden Score no Rio 2016, Maria é abraçada pela técnica Rosicleia Campos a beira da área de luta. A experiência vivida neste momento encontra amparo além do abraço da técnica, pois experiência como essa não se faz se sofre, não é intencional não está do lado da razão, mas sim da paixão. Por isso é possível enxergar que há atenção, tensão, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade e exposição. (LAROSSA, pág. 68, 2022).

Figura 22 - Maria Portela abraçada pela técnica Rosicleia Campos, Rio 2016.



Fonte: Arquivo pessoal da atleta Maria Portela

. Sabendo que “deu tudo”, Maria ficou tranquila com o desempenho, havia a expectativa de medalha pois ela já estava experiente, a trajetória até os Jogos foi construída com conquistas nas competições. A experiência real se apresenta na sua singularidade, única, não repetível, com aspectos surpreendentes.

Questionada sobre o que representa estar nos Jogos Olímpicos, Maria Portela relata que estar em uma edição representa muita coisa, mas estar em duas edições é

fantástico. Segundo ela, seria improvável, pois ela é uma atleta improvável, oriunda de uma família humilde, sem condições de mantê-la dentro do esporte, ela conseguiu não somente uma, mas duas vezes a vaga olímpica.

E depois de Rio 2016, se eu tivesse encerrado me aposentado, sinceramente eu teria ficado muito tranquila, muito segura com a trajetória que eu conquistei, com a atleta que eu me tornei. A referência dentro do esporte, no que eu me tornei na categoria. Porque eu consegui fazer, conquistar títulos. Não só títulos, mas a entrega, toda dedicação, me reinventar com todos os obstáculos. Se eu tivesse me aposentado, com certeza eu teria me aposentado com uma tranquilidade de: 'a medalha pode não ter vindo (olímpica), mas, tudo que eu conquistei, tudo que eu entreguei ao judô, com certeza foi o melhor. (MARIA PORTELA, 2022).

Ao reviver as memórias da sua trajetória esportiva, Maria Portela nos apresenta com preciosidade que o esporte foi transformador em sua vida, que as experiências dela delimitam um marco na historiografia das judocas gaúchas olímpica e que cada uma das suas conquistas de vaga e participações olímpicas foram singulares em significados, pois segundo Larrosa (2014), a experiência é algo que nos acontece e às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, sofrer, gozar algo que luta pela expressão e é convertido em uma espécie de canto, que pode atravessar o tempo e o espaço, ressoar em outras experiências, em outros cantos, outras pessoas.

Entre as experiências olímpicas, Maria Portela nos brinda com a foto do momento em que está conduzindo a Tocha Olímpica (Figura 23), na cidade de Santa Maria, onde começou a sua trajetória esportiva. Ela relata que sentiu imenso prazer e privilégio por viver esse momento e por participar pela segunda vez consecutiva dos Jogos Olímpicos. Outro momento feliz na trajetória esportiva de Maria Portela foi o registro de sua participação no Memorial Olímpico da SOGIPA, apresentado na Figura 24.

Figura 23 - A condução da Tocha Olímpica em Santa Maria, RS.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela

Figura 24 - Registro das mãos na placa de participação em Jogos Olímpicos.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela.

Necessitamos de uma língua para a conversação porque só tem sentido falar e escutar, ler e escrever, em uma língua que possamos chamar de nossa, ou seja uma língua que não seja independente de quem a diga, que diga algo a você e a mim, que esteja entre nós. (LARROSA, pág. 71, 2022)

Com a apresentação das categorias que foram analisadas e supra exposta, entendemos que a História Oral, parte importante da História Cultural, nos permite avançar nos caminhos da aprendizagem da vida humana, nos fornecendo uma língua que esteja entre nós, que nos diga algo, essa língua pode ser de experiência, vivenciada e contada pelas pessoas que aqui cederam suas vozes e memórias. As reflexões deste estudo nos remetem a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória. Falar sobre fatos e experiências que ajudaram a alicerçar a vida e a trajetória esportiva dessas pessoas, nos permitiu acesso à suas memórias, propriedade que conservou certas informações, atualizou as impressões que lá estavam. (LE GOFF, 1990).

O legado deixado pelas judocas gaúchas é perceptível no que tange o número de meninas e mulheres que praticam judô no estado, em rápidas passagens pelo

clube SOGIPA, percebemos a presença feminina no tatame quase em igualdade com o número e meninos e homens. Outro fator que foi relatado, é a existência de seminários conduzidos pelas judocas, a fim de contar a sua trajetória esportiva para os mais jovens, explicar suas técnicas de preferência. Isto de estar próximo das novas gerações é a mudança que Maria Portela partilhou, ela não teve a oportunidade em tenra idade de receber de perto as instruções de uma atleta olímpica, visto a distância geográfica, mas hoje ela é essa atleta que vai aonde precisar para ações deste formato.

Essa mudança percebida gera novas experiências que mantém ativo a trajetória esportiva dessas judocas, pois tem de enfrentar uma outra adversária, a curiosidade dos mais novos. Sobre essas ações Maria Portela compartilha conosco uma série de imagens (Figura 25 e Figura 26), onde ela está em contato com a nova geração de judocas.

Figura 25 - Seminário para jovens judocas, São Leopoldo, RS.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 26 - Seminário no estado do Paraná 2018.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela.

Na última Figura cedida (Figura 27), Maria Portela está participando de uma atividade fora dos tatames, sem *judogi*, mas em igual situação importância de fala, em um Seminário sobre Escolhas, realizado a cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Segundo a da judoca, essa participação em ambientes sociais só é possível porque as experiências que viveu, tudo que lhe aconteceu foi transformador e a capacitaram para falar, pois ela mesma encontra o seu lado passional na sua força e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. (LAROSSA, pág. 30, 2022).

Figura 27 - Maria Portela em seminário sobre Escolhas, Porto Alegre, RS.



Fonte: arquivo pessoal de Maria Portela

O saber ocasionado pela experiência, no caso deste estudo, experiência nos Jogos Olímpicos e as representações culturais construídas por essas judocas gaúchas, se dá na relação entre o conhecimento particular e irrepetível tal qual é a vida humana. A relação de uma experiência singular é a sua qualidade existencial, que perpassa, quem a vive, produz diferença, heterogeneidade e pluralidade tudo isso em razão de uma única experiência, pois ao ser compartilhada, “a experiência é o lugar onde tocamos os limites da nossa linguagem” frase de Giorgio Agambem, apud Larrosa (pág,67, 2022). Filosofamos aqui sobre a experiência e memória como uma forma de linguagem que chega maneira diferente as ouvidos e corações das pessoas, uma linguagem que é carregada de sensibilidade, de exposição e que por vezes dá mais sentido para quem escuta, para quem fala.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever a trajetória esportiva das judocas gaúchas, desde sua iniciação, percebemos os pontos em comum, destarte a tenra idade, o uniforme emprestado nas primeiras práticas, passando pelo ponto de virada, apontado por uma delas como ponto onde sentiram-se uma “atleta de verdade”, nos permitiu compreender que suas experiências particulares, podem gerar conhecimentos e transformar o que eram, dar sentido no seu tempo e espaço.

Percebemos que as conquistas das judocas gaúchas representaram uma abertura de possibilidades para a nova geração pois, segundo os relatos apresentados neste estudo, as falas sobre “abrir as portas”, demonstrar que “estamos aqui” no mesmo país com condições de enfrentar estados com mais tradição, sobre a participação de judocas do Rio Grande do Sul a nível internacional e olímpico, isto foi possível pela estrutura oferecida, pelo olhar otimista e planejamento. A recorrência deste feito coloca o departamento de judô da SOGIPA como um marco para o viés sociocultural, visto que é o local que tem experiência de enviar judocas para Jogos Olímpicos.

Procuramos delinear as representações culturais construídas pelas judocas gaúchas que participaram dos Jogos Olímpicos desde 2000 até 2016, através da História Oral que foi nosso suporte para metodologia e interpretação das informações, entendemos que os depoimentos orais concedidos através de entrevistas semiestruturadas tem um poder heurístico elevado, que nos aproximou dos condutos e concepções que este grupo seletivo e, que o documento está em movimento.

Particularmente, o saber ocasionado pela experiência em JO e as representações sociais construídas pelas judocas Mariana Martins e Maria Portela se traduzem pela relação entre o conhecimento particular e irrepetível tal qual é a vida humana. A relevância de suas experiências, dimensionadas pelas suas memórias, decorrentes de diferentes edições de JO, denotam diferenças, heterogeneidade e pluralidade, pois, mesmo quando compartilhadas, carregam singularidades.

Concluimos que a trajetória esportiva das judocas gaúchas, tendo início em tempos e locais distintos, chegam a um ponto de convergência, o local, dentro da estrutura da Sociedade Ginástica Porto Alegre - SOGIPA, sob tutela do professor Antônio Carlos de Oliveira Pereira – Kiko, e sua perspicaz visão de trabalho árduo e incessante. Entendemos a influência e o fomento da prática esportiva, o incentivo a

outras gaúchas a desejarem isso, como um fator que pode aumentar os números de meninas e mulheres praticantes de judô.

Os caminhos das duas atletas aqui retratadas representam um legado que, possivelmente, será vivenciado por muito tempo, visto que é perceptível o número de meninas e mulheres que praticam judô, especialmente no estado do Rio Grande do Sul. A continuidade deste legado, atualmente, conta com a existência de seminários conduzidos pelas judocas, com intuito de compartilhar suas trajetórias esportivas para as novas gerações, as quais cultivam o desejo de subir ao pódio olímpico.

Nesta mesma direção, tensionamos que estes momentos, além de oportunizarem que atletas recebam instruções de atletas olímpicas desde a base, apontam indícios de um compromisso de, por meio do judô, seguir alimentando sonhos, ao mesmo tempo em que fornecem ferramentas para que eles se concretizem.

REFERÊNCIAS

A CONDUÇÃO DA TOCHA OLÍMPICA EM SANTA MARIA, RS. Acervo de Maria Portela, 2022

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. **Análise de entrevistas: reflexões em torno de um exemplo.** II Congresso Pan Amazônico. VIII Encontro Regional Norte de História Oral, 18 a 21 de novembro de 2013.

ANDRÉ, Soraia. Japonegra: Uma história de superação, fé e amor. **São Paulo**, 2016.

A TERCEIRA CHANCE DE EDINANCI. **Revista Veja.** 11 de agosto de 2004. Editora Abril, nº33, pág. 71.

BARROS, José. D'A. **Projeto de pesquisa em História.** Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2009.

BRASIL. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11438.htm

BLOCH, March. **Apologia da história:** ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.

BOEHL, Waler. R.; MAZO, Janice. Z. **Judô em Porto Alegre (décadas de 1950 e 1960): itinerários da prática na cidade.** Lecturas: Educación Física y Deportes, Vol. 23, Núm. 250, Mar. (2019)

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

BRUM, Adriana. **“Mulheres que lutam”:** as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. 2016. Curitiba. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e Figura.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2008.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados.** V.5, n. 11, 1991. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO.

<https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/herois-olimpicos> acesso em: 03 set. 2020.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Time Brasil; Mayra Aguiar da Silva. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/mayra-aguiar-da-silva/> acesso em: 19 set. 2021.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL.

https://library.olympics.com/default/candidatures.aspx?_lg=en-GB acesso em: 02 mar. 2022.

COMPETIÇÃO DE JUDÔ INFANTIL NA SOGIPA EM 1969. Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman, 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. https://cbj.com.br/historia_do_judo/ acesso em: 2 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Maria Portela é convocada para o mundial por equipes 2014. Disponível em: <https://cbj.com.br/noticias/4062/maria-portela-e-convocada-para-o-mundial-por-equipes.html> acesso em: 19 set. 2021.

DEMONSTRAÇÃO DE JUDÔ NA PISTA DE ATLETISMO DA SOGIPA EM 1967. Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman, 2022.

DISPUTA ENTRE ELIANE PINTANEL (RS) EMBAIXO, JEMIMA ALVES (PB) ACIMA
Fonte: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/reliquiasolimpicas/project/a-suavidade-de-jemima/>

DRIGO, Alexandre. J. et al. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô Brasileiro. **Motricidade**, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011.

EMBARQUE PARA LONDRES 2012. Acervo de Maria Portela, 2022.

FOLHA ONLINE. SIDNEY 2000. Brasileiros; Judô. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/olimpiada2000/brasileiros/judo.shtml> acessado em 19/09/2021.

IARA, PRIMEIRA GAÚCHA FAIXA PRETA REGISTRADA. Acervo pessoal de Iara Pazos, 2021.

JUDOCAS DO PROJETO OLÍMPICO SOGIPA PEQUIM 2008. Acervo de Antônio Carlos Pereira, 2022.

KANO, J. *Judô Kodokan*. São Paulo: **Cultrix**, 2008.

KODOKAN INSTITUTE. <http://kodokanjudoinside.org/en/activity/research/> acesso em: 27 ago. 2020.

FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FRANCHINI, Emerson. et al. Effects of recovery type after a judo combat on blood lactate removal and on performance in an intermittent anaerobic task. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 43, n.4, p.424-431, 2003.

FRANCHINI, Emerson.; DORNELLES, Alfredo. Judô. In: Atlas do Esporte no Brasil, 2005.

GAMA, Raimundo J. **Manual da iniciação do judô**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1986.

JUDOINSIDE. https://www.judoinside.com/judoka/48728/Maria_Portela/judo-results

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Experiência e suas linguagens**. Tremores: escritos sobre a experiência. 1ed.; 6 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022 (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEDUR, Josiana. A. Práticas corporais na colônia japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 à década de 2010). Dissertação (Mestrado), 2017. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS.**

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1990.

LINHARES, Léa. M. C. **Léa Linhares I (depoimento 2003)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS.

LINHARES, Léa. M. C. **Léa Linhares II (depoimento 2005)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS.

MARIA PORTELA ABRAÇADA PELA TÉCNICA ROSICLEIA CAMPOS, RIO 2016. Acervo de Maria Portela, 2022.

MARIA PORTELA E A MEDALHA DE BRONZE DO GRAND SLAM DE TÓQUIO 2015. Acervo de Maria Portela, 2022.

MARIA PORTELA EM SEMINÁRIO SOBRE ESCOLHAS, PORTO ALEGRE, RS. Acervo de Maria Portela, 2022.

MARIA PORTELA ENCONTRA MICHAEL PHELPS NO PARQUE OLÍMPICO. Acervo de Maria Portela, 2022.

MARIA PORTELA VENCE ATLETA ASSMAA NIANG. Acervo de Maria Portela, 2022.

MARIANA MARTINS COM A TOCHA OLÍMPICA E VOLUNTÁRIO. Acervo de Mariana Martins, 2022.

MARIANA MARTINS EM QUADRO ÍDOLOS SOGIPANOS. Acervo da pesquisadora Ana Maria Kich, 2022.

MARTINS, Mariana P. **Entrevista à autora**. 05 de agosto de 2022. Entrevista.

MAZO, Janice. Z. **A emergência e a expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre - Brasil (1867-1945): Espaço de Representações da Identidade Cultural Teuto-Brasileira**. Tese de doutorado - Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Porto, Portugal, 2003.

MAZO, Janice. Z. PEREIRA, Ester. L. Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo. In: **Memórias do Esporte e do Lazer no RS. 2013**

MEDALHA DO CAMPEONATO INFANTIL EM PORTO ALEGRE EM ABRIL DE 1969. Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman, 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. Ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

MESSNER, Nicolas. **Women's Judo: the Pioneers (1)**. INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 09/09/2020. Disponível em: https://www.ijf.org/news/show/women-judo-the-pioneers-1?fbclid=IwAR2wNv9w9767XvotnzrnSwEbd-xBZ8k_SITdEtfYal7SDzdO3RvOve0KK-g. Acesso em: 30 out. 2021.

MIARKA, Bianca; MARQUES, Juliana. B.; FRANCHINI, Emerson. Reinterpretando a história do judô feminino no Japão. **Revista Internacional de História do Esporte. Vol 28, Nº7, maio de 2011, p. 1016 - 1029.**

MOURÃO, Ludmila. Representação Social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, ano VII, Nº13, 2000/2.

MULHER DEMONSTRANDO JUDÔ NA PISTA DE ATLETISMO DA SOGIPA EM 1967. Acervo pessoal de Sérgio Guido Zimmerman, 2022.

NAGAI, Silvana. **Jigoro Kano e o Judô Feminino**. In: O judô nas escolas e dojô japoneses: experiências e observações de professores brasileiros participantes do intercâmbio de estudos no Japão. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

NETTO, Victória. G. Mariana Martins: primeira judoca gaúcha a competir em uma Olimpíada. **Blog da disciplina de Jornalismo Esportivo da Fabico/UFRGS** 19/10/2016, Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://esportefabico.wordpress.com/2016/10/19/mariana-martins-primeira-judoca-gaucha-a-competir-em-uma-olimpiada/> . Acesso em: 08 nov. 2021.

NUNES, Alexandre V. KOSMANN, Fernanda T. SHOURA, Maurício L. Judô no Rio Grande do Sul. In: **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2005, p.33-34.

NUNES, Alexandre. V. A influência da Imigração Japonesa no Desenvolvimento do Judô Brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. 2011. 197 f. Tese (Doutorado) - **Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2011.

NUNES, Alexandre. V.; RUBIO, Katia. *As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos*. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.4, p.667-78, out./dez. 2012

NUNES, Alexandre V. **Entrevista à autora**. 12 de outubro de 2022. Entrevista.

O JUDÔ FAZ ESCOLA. Revista Veja, 8 de agosto, pag.126 a 128. Editora Abril, edição 2281- ano 45-nº32

PAZOS, I. M. C.; PRONDRYSKI, E. P. T. **Iara Pazos e Eliane Pronrynski (depoimento, 2005)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

PEREIRA, Antônio C. O. **Entrevista à autora**. 06 de agosto de 2022. Porto Alegre, RS. Entrevista.

PESAVENTO, Sandra. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla. B. (Organizadora). **Fontes históricas**. 2ª ed., 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2008.

PIMENTEL, Giuliano. G. de A.; GOELLNER, Silvana. V. **Léa Linhares e o judô no Rio Grande do Sul** na década de 1960. *Motrivivência* v. 29, n. 50, p. 123-139, maio/2017.

PORTELA, Maria de Lourdes M. **Entrevista à autora**. 05 de agosto de 2022. Entrevista.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética em História Oral**. Registro Conferências Projeto História, São Paulo, (15), abr. 1997. p. 13-49.

REGISTRO DAS MÃOS NA PLACA DE PARTICIPAÇÃO EM JOGOS OLÍMPICOS. Acervo de Maria Portela, 2022.

RENOVAÇÃO DE CONTRATO COM OI. Acervo de Antônio Carlos Pereira, 2022.

RÚBIO, Katia. **Heróis Olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginários**. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010

_____. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SEMINÁRIO NO ESTADO DO PARANÁ 2018. Acervo de Maria Portela, 2022.

SEMINÁRIO PARA JOVENS JUDOCAS, SÃO LEOPOLDO, RS. Acervo da pesquisadora Ana Maria Kich, 2022.

SILVA, Gisele da. *Histórico da mulher no judô: preconceitos, estereótipos e discriminações*. **Motrivivência**, dezembro, 1994.

SILVA, Edinanci. A terceira chance de Edinanci. **Revista Veja**, Sessão Olimpíadas, 11 de agosto, p. 71. Editora Abril, edição 33, ano 37, 2004.

SOGIPA. <https://www.sogipa.com.br/web/projeto-olimpico>

SOUZA, Gabriela; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil**. Editora Mauad x FAPERJ, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Gabriela; VOTRE, Sebastião; PINHEIRO, Maria Claudia.; DEVIDE, Fabiano. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Estudos Feministas, Florianópolis**, 23(2): 352, maio-agosto/2015.

SOUZA, Gabriela. **Trajetórias e percepções no judô feminino brasileiro de alto rendimento**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos. 173 fl. Rio de Janeiro, 2016.

STYLO GANHA NO FEMININO. Acervo pessoal de Iara Pazos, 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ª. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TODT, Nelson. **A representação social dos Jogos Olímpicos: um olhar a partir de atletas olímpicos brasileiros**. 2º Simpósio Internacional Pierre de Coubertin. Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2016.

VAMPLEW, Wray. **História do esporte no cenário internacional: visão geral**. In: Dossiê. Uma história do esporte para um país esportivo. Revista Tempo, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 2013: 5-17.

VANIA ISHII. **Revista Veja**. 14 de junho, 2000. Editora Abril, nº 36, pág.28.

VIRGÍLIO, Stanley. *A Arte do Judô*. Porto Alegre, RS. **Rígel**, 1994.

ZIMMERMAN, Sérgio G. **Entrevista à autora**. 12 de outubro de 2022. Entrevista.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.

APÊNDICE A

PERIÓDICO	QUANTIA ENCONTRADA
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	4
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE	5
JOURNAL OF PHISICAL EDUCATION	1
REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS	1
REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA DO ESPORTE	12
REVISTA BRASILEIRA DE CINEANTROPOMETRIA E DESEMPENHO HUMANO	2
PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO	1
MOTRICIDADE	2
FISIOTERAPIA EM MOVIMENTO	1
MOTRIZ: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	1
REVISTA PORTUGUESA DE CIÊNCIA DO DESPORTO	2
REVISTA DE NUTRIÇÃO	1
REVISTA BRASILEIRA DE NUTRIÇÃO ESPORTIVA	17
REVISTA BRASILEIRA DE PRESCRIÇÃO E FISILOGIA DO EXERCÍCIO	10
CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE	5
REVISTA MOVIMENTO	3
MOTRIVIVÊNCIA	5
REVISTA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE	1
TOTAL	74



APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa para dissertação de mestrado “JUDOCAS GAÚCHAS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO (2000-2016): REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS ATLETAS”, por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O objetivo da pesquisa é “COMPREENDER AS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS CONSTRUÍDAS PELAS JUDOCAS GAÚCHAS ACERCA DA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO NAS EDIÇÕES DE 2000 (SIDNEY/AUSTRÁLIA) ATÉ 2016 (RIO DE JANEIRO/BRASIL)”.

Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pela pesquisadora e sua orientadora, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem vivenciou e representou o Brasil nos Jogos Olímpicos. A entrevista poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz, aparelho smartphone. Informamos, também, que sua entrevista poderá ser transcrita integralmente ou em parte, para fins de publicação dos resultados da pesquisa. Assim, solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, bem como eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo *clips*, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) sobre as histórias de vida das atletas Olímpicas gaúchas. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo a senhora: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais *online* do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como no *site* do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do Esporte do Rio Grande do Sul.

Informamos ainda, que a senhora não terá custos financeiros e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes de sua participação na pesquisa serão ressarcidas, quando devidas. Adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos, por meio das ações veiculadas a este estudo, preservar a memória Olímpica gaúcha e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do Memória do Esporte do Rio Grande do Sul.

Caso a senhora tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janice.mazo@ufrgs.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Por fim, é importante esclarecer que este estudo é parte integrante de um projeto maior, intitulado “Cenários Históricos e Socioculturais dos Esportes e da Educação Física no Rio Grande Do Sul – Brasil”, também aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo número 27331.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à senhora.

_____, ____ de _____ de 202____ .

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecida sobre os procedimentos da entrevista, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Permito a identificação de meu nome e o uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, bem como os seus usos, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de Identificação Pré-Entrevista

Nome completo: _____

Apelido: _____

Data de nascimento: _____

Naturalidade: _____

Endereço p/contato: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Modalidade e provas em que atuou: _____

Clube ou entidade que atualmente representa: _____

Clube ou entidade que já representou: _____

Possui ou possuiu bolsa atleta: _____

Outra atividade laboral (qual?): _____

Roteiro de Entrevista

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar a pesquisadora durante a entrevista.

- Como ocorreu a sua inserção no esporte?
- Quais os motivos que a levaram ao esporte?
- Fale sobre sua trajetória no esporte.
- Quais foram os maiores desafios enfrentados no início da sua carreira? E depois, ao longo dela?
- Qual (is) competição (ões) você destacaria como mais importante em sua carreira? Por quê?
- Qual o significado dos Jogos Olímpicos para você? Que momentos da sua participação você destacaria?
- O que representa para você ter participado dos Jogos Olímpicos? O que essa participação mudou na sua vida? O que significou a conquista da medalha para você? (seja de ouro, prata, bronze ou participação)
- Como você percebe o desenvolvimento do Esporte Olímpico no Rio Grande do Sul?

- Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.